399

OS Cruzeiros de Férias às Colónias

à Mocidade Escolar

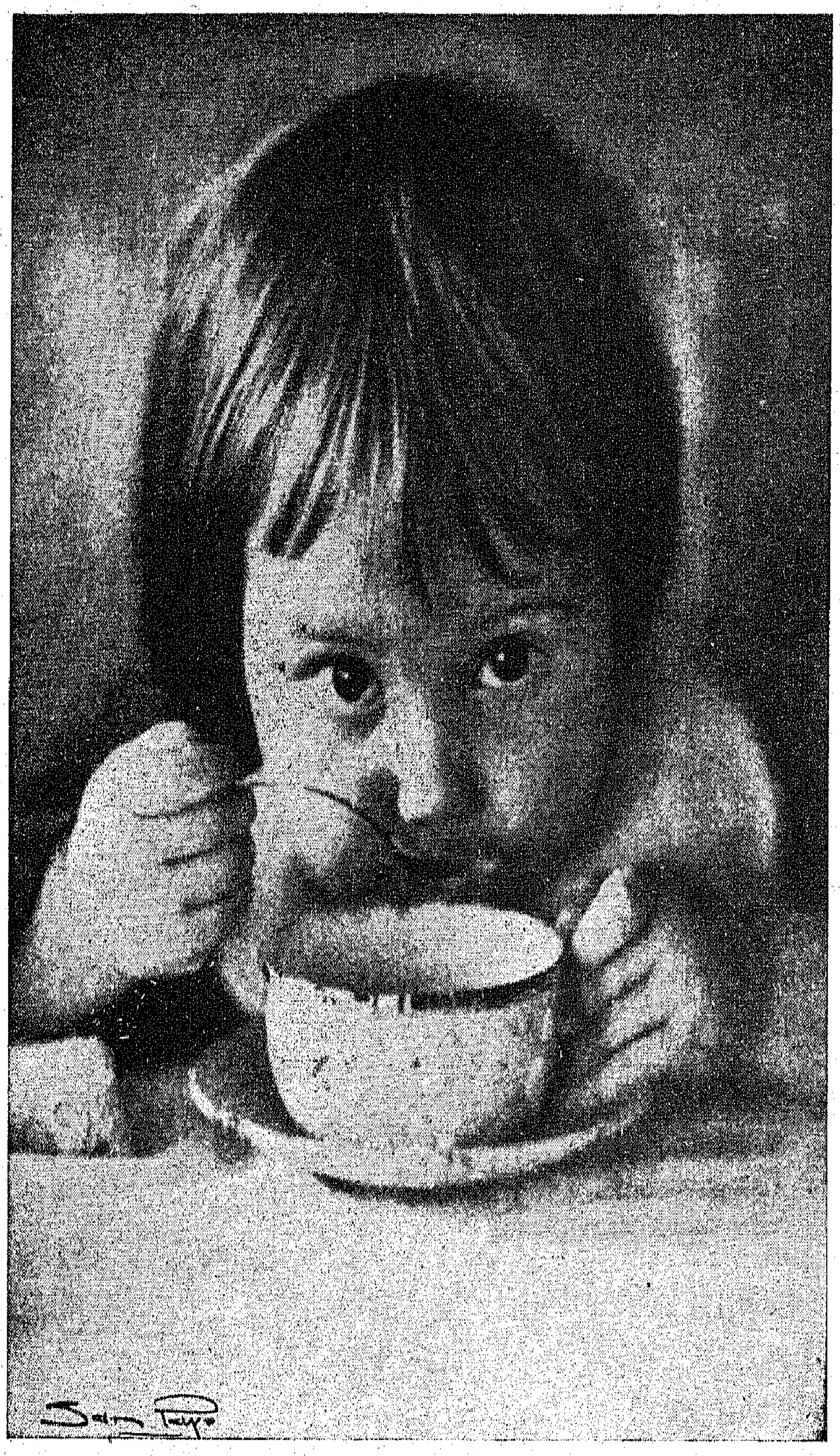
Na abertura do próximo ano lectivo

O Mundo Português

estabelecerá as condições em que se deve realizar o

OA UNIVERSITY LIBRARY NG
This book is donated by ....

1.° Cruzeiro Colonial de 1935



Primeiro almoço...

FARINHA NESTLÉ

Companhia Colonial do Buzi

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SUB-CONCESSIONÁRIA DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

FABRICAS AÇUCAREIRAS EM INHANGUVO CIRCUNSCRIÇÃO DO BUZI E NO SAVE

SEDE EM LISBOA
R. DA TRINDADE, 20-1.º

PRINCIPAIS PRODUTOS DA SUA EXPLORAÇÃO:
AÇÚCAR / MILHO / ALGODÃO
COPRA / ARROZ / FEIJÃO

EMPREZA DO CALÇADO ATLAS, LTD.

CAPITAL REALIZADO 5.000.000$00

A mais importante fábrica de calçado em Portugal, aparelhada para uma produção diária de 1500 pares. 26 Depósitos para vendas directas ao público por conta da fábrica em Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Viseu, Aveiro, Santarém, Leiria, Covilhã, Vila Real, Viana do Castelo, Espinho, Matosinhos, Madeira e Açores

ATLAS
MARCA REGISTADA

FÁBRICA E ESCRITÓRIOS:
R. Heróis de Chaves, 624 a 640 / PORTO
TELEFONES
2757 e 2768 P. B. X.
Telegramas: Atlas

AGENTES GERAIS EM ÁFRICA:
ATLAS COLONIAL, LDA, com escritórios em Loanda e Lourenço Marques

Recompensas obtidas nos certames a que tem concorrido:

DIPL. DE HONRA E MEDALHA DE OURO na Exposição das Caldas da Rainha em 1927

DIPLOMA DE HONRA na Exp. Ibero-Americana de Sevilha de 1929

DIPLOMA COMEMORATIVO nas Feiras de Amostras Coloniais de 1932

MEDALHA DE OURO na Feira de Amostras de Coimbra de 1932

GRANDE PRÉMIO DE HONRA na Exposição Industrial Portuguesa de 1932-1933

ABECASSIS (IRM.^OS), BUZAGLOS & C.^A

PACKERS AND EXPORTERS OF CANNED FISH

LISBON/PORTUGAL

PRESERVED FISH IN OLIVE OIL, IN TOMATO, ETC.

BRANDS:

CATALINA - PARISETTE - MUSETTE
REINE ESTHER - REINE SABA
O. K. - MAGDA - ETC.

LISBON, FIGUEIRA DA FOZ, SETUBAL, PORTIMÃO AND OLHÃO

SOCIEDADE COMERCIAL
A. FREITAS & GAMEIRO, LDA.

E N G E N H A R I A

ARMAMENTO E MUNIÇÕES
MATERIAL AERONÁUTICO

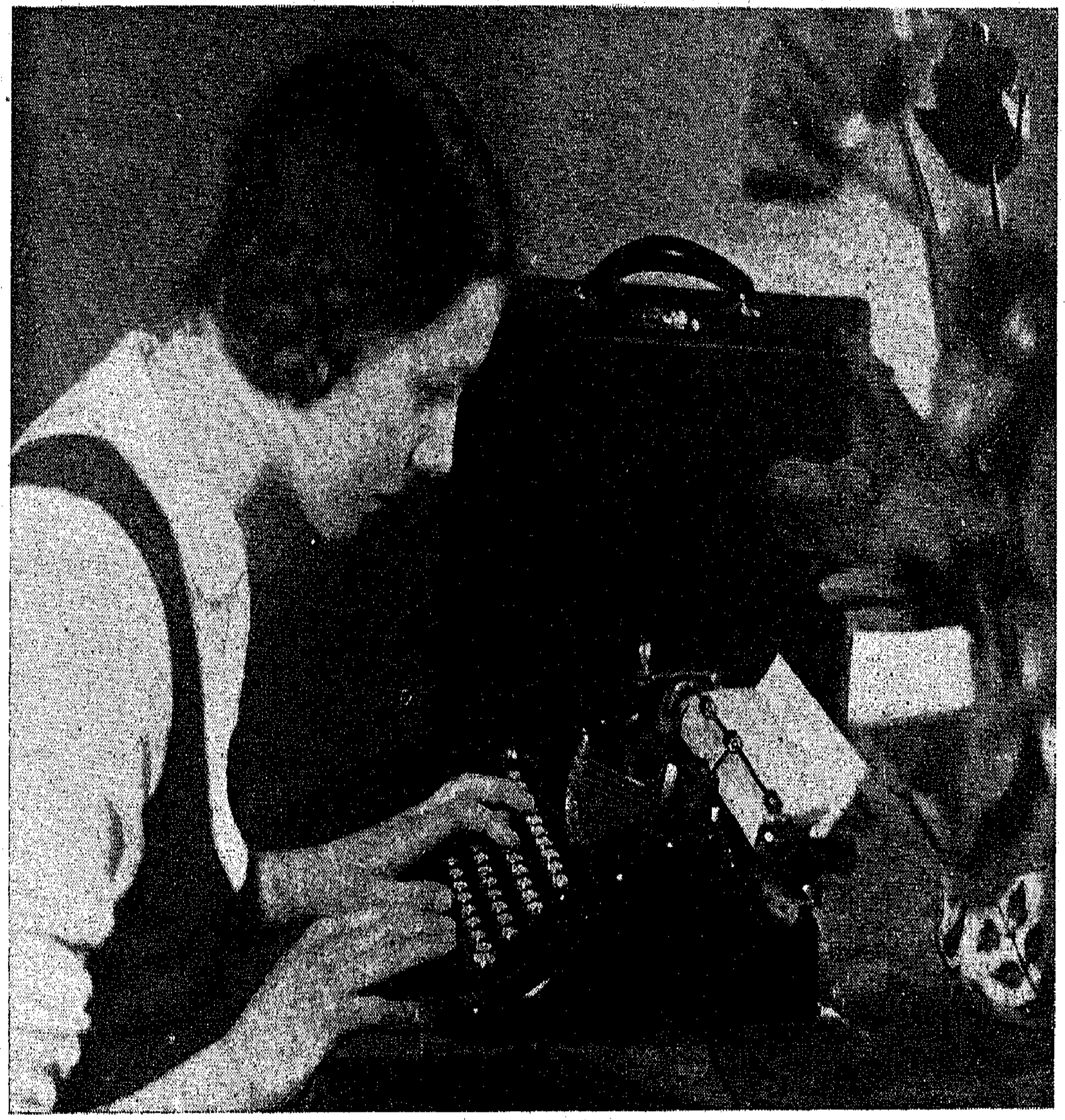
Instrumentos científicos
Canhões
Metralhadoras
Morteiros
Espingardas
Pistolas
Carros blindados
Material de transporte

Faróis
Farolins
Bóias e Tôrres para sinalização
Terrestre
Marítima
e Aérea
Navios
Máquinas
e Motores

MÁSCARAS DE PROTECÇÃO
CONTRA FUMOS, GAZ E
OUTROS PRODUTOS TÓXICOS

SEDE SOCIAL - RUA DO ARSENAL, 148 - 2.º

TELEF. 26245 - LISBOA - TELEG. TORPEDO



As cartas particulares escritas à máquina são consideradas de bom tom, tornando-as de fácil leitura

A MÁQUINA DE ESCREVER
QUE ACABARÁ POR
COMPRAR É A

UNDERWOOD

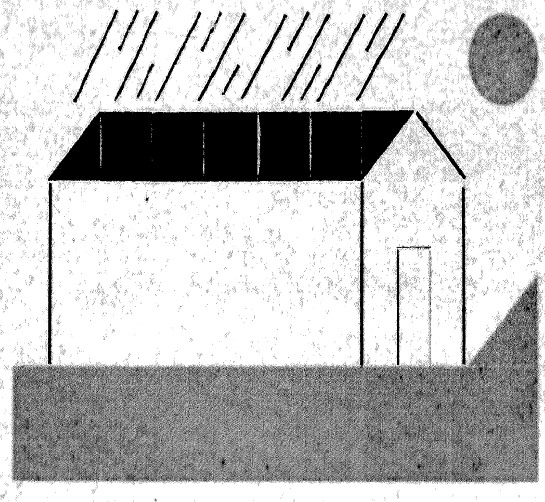
AGENTES

E M L I S B O A
DUNKEL & ANTUNES, LDA.
RUA AUGUSTA, 56
TELEFONE 24251

N O P O R T O
CARLOS DUNKEL
RUA DO BOMJARDIM, 81
TELEFONE 1013

DIZIA HÁ DIAS

UM DOS NOSSOS MAIS ILUSTRES ENGENHEIROS QUE VIVEU MUITOS ANOS NAS COLÓNIAS:



«Só quem como eu viveu em Angola em casas construídas com fibro-cimento é que sabe apreciar as vantagens dêste material que nos preserva do calôr e do frio»

Fibro-Cimento «LUSALITE»

é um material **leve, resistente, incombustível.** // Preserva do calôr no verão, do frio no inverno. // Resiste à humidade e aos insectos.

A sua duração **é ilimitada.**

Para o Continente e para as Colónias deve ser preferido em tôdas as construcções, quer para telhados em chapas onduladas, quer para tectos e revestimentos interiores em chapas lisas.

Chapas lisas desde 8$00 o metro²

Chapas onduladas desde 15$00 cada

Tubagem em Fibro-Cimento

desde 50 a 400 m/m de diâmetro interior. Resistência de 6, 12 e 25 kg por cm² de prova

DEPOSITÁRIOS GERAIS

Corporação Mercantil Portuguesa, Lda.

Rua do Alecrim, 10 / Teleg. Fibrocimento Lisboa / Telef. 23948-28941

NO PORTO

Abecassis (Irmãos) Buzaglos & C.ª - Rua 31 de Janeiro, 15

J. Bielman, Sucrs. - Galeria de Paris, 42

José Pinto de Magalhães & C.ª - Rua do Almada, 29

BANCO DE ANGOLA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

EMISSOR DA COLÓNIA DE ANGOLA

CÓDIGOS:
PETERSON'S (2.ª ED.)
GUEDES
A. B. C. (5.TH EDITION)

SÉDE EM LISBOA
RUA DA PRATA, 10 A 22

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO
ALDARO
DEPENDENCIAS:
FILIAL EM LUANDA

AGÊNCIAS: Benguela, Boma (Congo Belga), Cabinda, Leopoldville (Congo Belga), Lobito, Malange, Mossâmedes, Nova Lisboa, Novo Redondo, Sá da Bandeira, Santo António do Zaire, Vila Luso, Vila Silva Pôrto.

CAMINHO DE FERRO

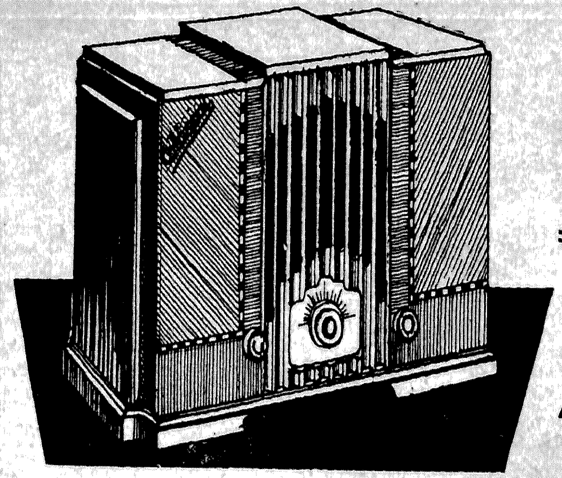
Ligações da Katanga com a Europa. A mais curta estrada para a África Central.

Distância via Lobito comparada com via Beira: Distância a favor da via Lobito: 578 milhas por terra e 2.955 por mar. Total 3.553 milhas.

Distância via Lobito comparada com via Cape Town: Distância a favor da via Lobito: 1.269 milhas por terra e 1.450 por mar. Total 2.719 milhas.

SÉDE EM LISBOA: LARGO DO QUINTELA, 3

DE BENGUELA / LOBITO



COLOSSAL

RÁDIO

A marca de T. S. F. que agrada

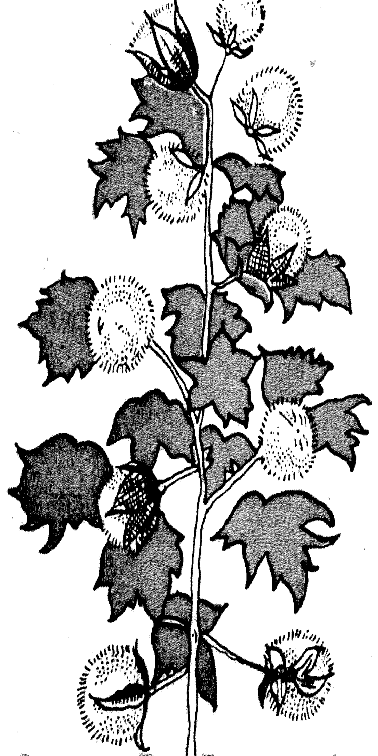
Para todas as ondas / Aparelhos desde 800$00

—

Soc. Com. Luso Americana, Lda.

Rua da Prata, 145	Rua Sá da Bandeira, 339
LISBOA	**PORTO**
Telefone 25281	Telefone 1248

ALGODOEIRA COLONIAL, LDA.



FÁBRICA DA AREOZA	FÁBRICA PORTUENSE
FÁBRICA DO BOMFIM	FÁBRICA DE FRANCOS
FÁBRICA DE ERMEZINDE	FÁBRICA DE S. ROQUE
FÁBRICA DA S.ª DA HORA	FÁBRICA ALIANÇA, LDA.

TECIDOS DE ALGODÃO

LISBOA	**LUANDA**	**BENGUELA**	**NOVA LISBOA**
Rua do Alecrim, 7	Caixa Postal, 15	Caixa Postal, 95	Caixa Postal, 99

TELEGRAMAS: ALGODOEIRA

Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre

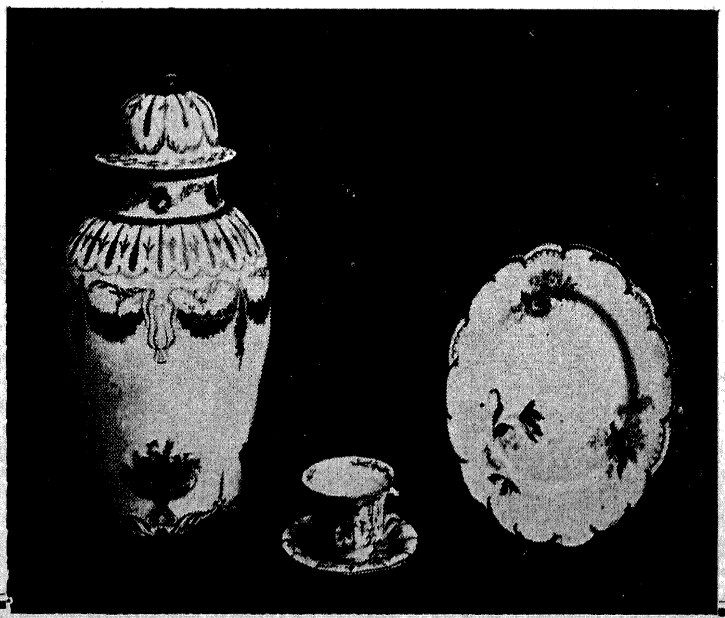
LIMITADA **ILHAVO (AVEIRO)**

Fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto

Séde: Largo da Biblioteca, 17, r/c.

Porcelanas Artísticas, Domésticas, Eléctricas e Industriais

▲ Preços especiais para exportação e para as Colónias ▼



▲ Depósitos de venda: Porto - Rua Cândido dos Reis, 18 Lisboa - L. do Chiado, 18 ▼

Perutz

Películas, chapas e bobines para a Leica e Contax. Emulsões rápidas, pancromáticas e ortocromáticas. Sem grão e sem filtro. Leica, Contax e todos os acessórios. Trabalhos de amadores Remetem-se catálogos.

ROIZ, LDA.

82, R. NOVA DO ALMADA, 84

TELEFONE 2 4670 - LISBOA

FÁBRICAS VULCANO E COLLARES

ESTABELECIDOS EM 1809
LARGO DO CONDE BARÃO, 13

L I S B O A

FUNDIÇÃO | FERRARIA

FERRO, AÇO E LIGAS | OBRA ESTAMPADA E MANUAL

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DE MÁQUINAS - ARTÍSTICA
GRADES - ESCADAS - OSSATURAS - PORTÕES - ETC.

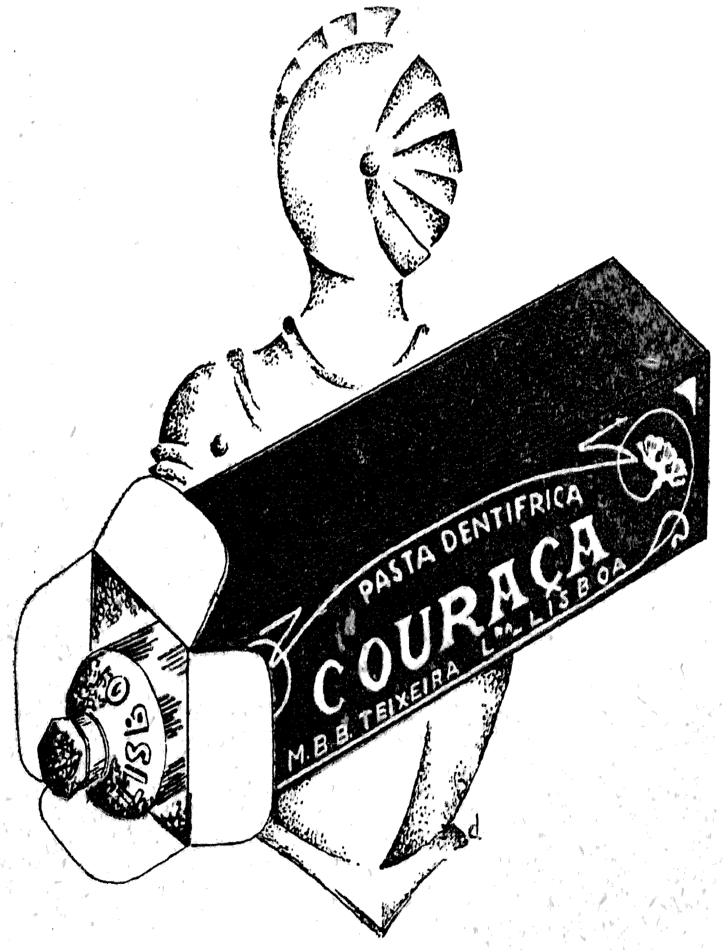
CALDEIRARIA

CALDEIRAS E CONSTRUÇÕES METÁLICAS

ESPECIALIDADES

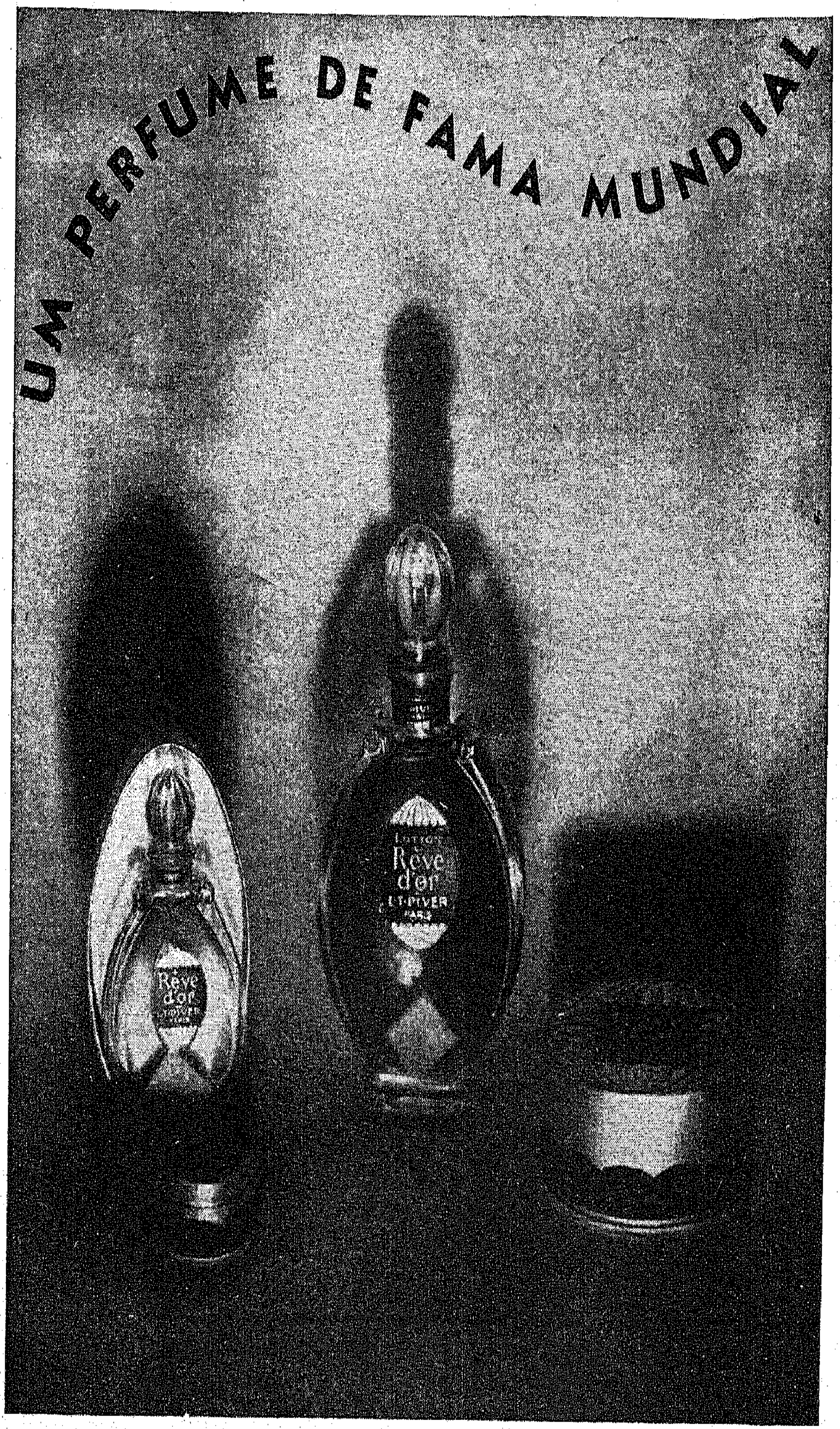
MATERIAL AGRÍCOLA - MATERIAL OLEÍCOLA - ÓRGÃOS DE TRANSMISSÃO - BOMBAS CENTRÍFUGAS - ETC. ETC.

PASTA COURAÇA



Tal como as piramides do velho Egipto, a Pasta COURAÇA passa o seu cincoentenário triunfante e desafiando o tempo...

RÊVE D'OR



L. T. PIVER

REVISTA DE CULTURA E PROPAGANDA
ARTE E LITERATURA COLONIAIS

O MUNDO PORTUGUÊS

DIRECTOR: AUGUSTO CUNHA

EDIÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS E DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

SUMÁRIO

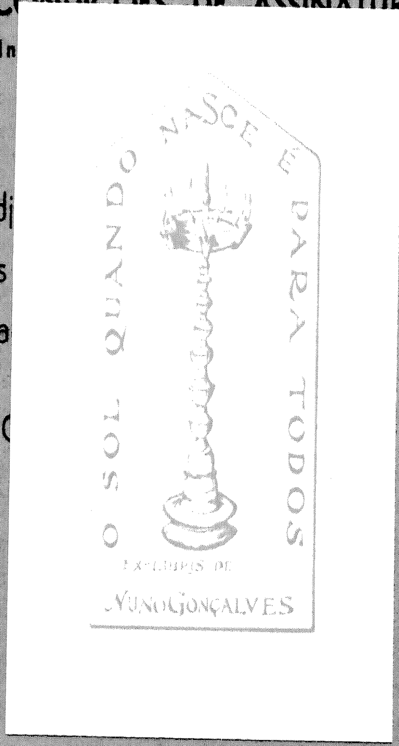
O Monumento de Cristo, em Tomar, e as missões religiosas	Vieira Guimarães
Campanha do Chire, 1889 (conclusão)	João de Azevedo Coutinho
No Limpopo. Uma viagem atribulada	Marquês do Lavradio
O Herói do Pérsico	José F. Ferreira Martins
Um Pavilhão de Macau	Jayme do Inso

Número 6 — Junho de 1934 — Volume I

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
RUA DA PRATA, 34 // LISBOA // TELEFONES 20651 - 20652

///

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
(In ... to)



	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas adj	17$00	32$00
Colónias Portuguesas	23$00	45$00
Estrangeiro, Índia, Ma	50$00	100$00

C

TIRAGEM ESPECIAL
em papel Manchester Ledger e couché Chelsea
Numerada de 1 a 40 e rubricada pelo Director.

	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas adjacentes	55$00	100$00
Colónias Portuguesas de África	65$00	120$00
Estrangeiro, Índia, Macau e Timor	100$00	200$00

Custo de cada exemplar 10$00

Comp. e Impr. - Sociedade Industrial de Tipografia Limitada - Rua Almirante Pessanha, 5 - ao Carmo
L I S B O A

O MONUMENTO

DE CRISTO, EM TOMAR, E AS MISSÕES RELIGIOSAS

ACABA de ser comprada pelo Estado a parte dêste célebre monumento que, em 1842, foi adquirida pelo grande homem que tem, na nossa história, o nome de Conde de Tomar, nome glorioso que ainda anda acompanhado por uma certa ignorância da geração liberalista do nosso tempo, mas que já recuperou o devido respeito daqueles que lhe admiram as raras qualidades de estadista, a que se devem muitos e muitos progressos na nossa governação pública.

Vinda, agora, à posse do Estado, pelo rasgo patriótico de Salazar, temos que lhe dar serventia, pois não é peça que só por si se arrime ao que, no grandioso Monumento de Tomar, está, pela sublime arte que ostenta, patente aos visitantes, aos excursionistas.

Mais e mais há, nessa parte, que deve ser aproveitada, porque tendo estado na mão de seus proprietários por uns 90 anos, estes introduziram-lhe melhoramentos que a enriqueceram e que lhe deram condições mais habitáveis.

Está hoje, pois, completada, formando um só todo e na mesma mão, essa casa maravilhosa, por suas superiores manifestações artísticas que representam os mais brilhantes estadios de modos de ser arquitectónicos portugueses, sobresaindo a todos a parte manuelina — O POEMA DE PEDRA —, pela sua originalidade e significação nacional.

Êste então é um hino patriótico, burilado pelos artistas do genial João de Castilho que nela escreveram a epopeia imortal dos gigantes nautas que, através de mil perigos, foram de abalada por cima das águas revoltas e incertas dos oceanos, implan-

tar a cruz de Cristo e o nome glorioso de Portugal em terras que os ignoravam por estarem mergulhadas na mais crassa escuridão.

Nele, em todos os seus motivos arquitectónicos, vemos representação fidedigna da acção homérica dos valorosos portugueses que nos séculos XV e XVI

Passaram ainda além da Taprobana,

edificando o vasto império que hoje uma política sensatamente nacional e patriótica quere fazer reviver, quere valorizar para novas glórias e honras ajuntar às passadas com que nos tornámos grandes na história universal.

Casa com mais tradições honrosas dos nossos imortais séculos não há em Portugal, pois nela se instalou a séde gloriosa da Ordem de Cristo que, a mando do ínclito infante D. Henrique, foi, com seus homens e com seus rendimentos, a iniciadora dos descobrimentos que abriram meio mundo ao outro meio, que fizeram ver novas estrêlas e que trouxeram novos homens ao convívio da civilização ocidental.

Gonçalo Velho, João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz, Gil Eanes, Gonçalves Baldaya, Nuno Tristão, Fernão Lopes de Azevedo, Antão Gonçalves e muitos outros até ao imortal Vasco da Gama, foram membros dessa célebre Ordem que, pelos anos além, foi edificando aposentos que ainda hoje, sem falar no seu valor artístico, são admiráveis, são sumptuosos pela sua vastidão, riqueza, conservação e habitabilidade.

Uma visita ao maravilhoso monumento atestará as nossas pálidas palavras.

Sendo assim, sendo como pobremente dizemos, que destino deve ter casa com tão optimas qualidades e de tão venerandas e patrióticas tradições?

Já vem de há perto 40 anos, a nossa humilde, mas patriótica idea, pela qual tanto temos pugnado sem, como ainda hoje, o mínimo interêsse a anime, a não ser a sagrada causa da grandeza das nossas colónias que se reflectiria também na grandeza e glória da terra que nos foi berço.

Hoje, reünida em sua integridade e na dependência do Govêrno, que mais própria casa há para dar satisfação ao decreto n.º 12.485 de 13 de Outubro de 1926 que tão sàbiamente desenvolve aquela nossa idea?

Nenhuma outra decerto.

Começa êsse decreto, no seu relatório, reconhecendo que o Govêrno por todos os motivos, deve promover com intensidade o incremento das missões portuguesas, querendo que elas mesmas concorram em alto grau para o cumprimento dos destinos de Portugal.

E no articulado, pelo artigo 11.º, estabelece que o Estado auxilie os estabelecimentos de formação de missionários, e pelos parágrafos 1.º, 2.º e 3.º dêste artigo mostra como deve ser prestado êsse auxílio, dizendo entregar gratuitamente para êsse exclusivo destino, edifícios e propriedades que o Estado tenha disponíveis ou

de que venha a dispôr; concedendo subsídios extraordinários para a sua conveniente instalação e inscrevendo no Orçamento anual da metrópole um subsídio de 1350 contos, destinado aos mesmos estabelecimentos.

A isto se obriga o Estado Português para levar à prática o largo programa que também acompanha o decreto e que nós resumimos, dando dêle sòmente nota do que diz respeito ao nosso fito.

O programa geral das missões nacionais é sustentar os interêsses do império colonial português e desenvolver o seu progresso moral, intelectual e material em tôda a possível extensão do seu significado, conforme o permitirem as circunstâncias de cada missão; educação e instrução do nativo português, homem e mulher, dentro ou fora da colónia, procurando aperfeiçoá-lo pela morigeração dos costumes, pelo abandôno das suas superstições e selvagerias, pela elevação moral e social da mulher e pela dignificação do trabalho; obrigatoriedade absoluta da língua portuguesa; ensino da moral e das letras com lições das grandezas e glórias de Portugal.

O ensino da agricultura não foi esquecido para o que se devem fundar, desenvolver e dirigir hortas, jardins de ensaios, granjas ou herdades para que o indígena possa aprender pràticamente as variadas culturas por métodos de progressiva evolução, melhorando gradualmente os seus rudimentares e primitivos processos de trabalho, dando-lhe noções de novas culturas, aperfeiçoamento das usadas, de selecção de sementes, de silvicultura, e outras igualmente úteis.

O ensino da pecuária deve ser feito quanto possível com ensaios de novas e melhores raças ou cruzamentos aperfeiçoados.

O ensino profissional também deve ser ministrado, fundando, administrando ou dirigindo escolas de artes e ofícios ou de simples oficinas.

Não é preciso extrair do belo e patriótico trabalho do grande português e ilustre ministro João Belo, mais nada para se ver a educação que deve receber o missionário português para cabalmente desempenhar o seu nobre e civilizador papel na nova política que o Estada Novo quere imprimir ao desenvolvimento das nossas colónias.

E escusado também será alargarmo-nos em considerações para provar o quanto necessárias são as missões cristãs portuguesas nas vastas regiões de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Timor que medem aproximadamente 2.200.000 quilômetros quadrados e são povoadas por uns dez milhões de almas.

Elas impõem-se, porque, por maiores que sejam os elementos de civilização e de nacionalização que por lá se estabeleçam, a todos sôbreleva a missão religiosa com todo o seu carácter civilizador, o que, até pelos não crentes, é reconhecido.

A França, herdeira das nefastas ideas religiosas da Revolução, não teve dúvida, ao querer civilizar a orla africana, banhada pelo Mediterrâneo, de que se apossou, tomar sob a sua protecção, dando-lhe todos os meios de acção, os célebres *padres*

brancos, instituidos pelo ilustre e sábio cardial Lavigerie que trouxeram a completa posse do revolto território que é hoje como que a continuação da nação francesa pelo seu intenso e extenso progresso e civilização, tendo sido reconhecido pelo maçónico Gambêta ao dizer as célebres palavras que, em Baiona, estão esculpidas no pedestal da estátua do famoso Primaz de África e Metropolitano de Cartago.

E a Suissa que não tem colónias, não subsidia missões suas para por África estender a sua influência, mais com fins comerciais do que verdadeiramente religiosos?!

Mais e mais poderiamos apontar para demonstrar o quanto as missões religiosas são úteis e precisas para o desenvolvimento civilizador dos povos que ainda vivem no mais atrasado dos estados, onde impera a barbaridade, o despotismo, a poligamia especulativa, o mais estúpido feiticismo, males que devem ser combatidos, chamando essas populações por todos os meios morais e materiais, ao convívio da civilização europeia, empregando para isso principalmente, o religioso português bem educado nos modernos processos pedagógicos, conducentes à região a que se destina.

A educação do padre missionário deve ser hoje muito mais cuidada do que foi nos velhos tempos do seminário de Sernache para que se tire todo o proveito dêsse grande elemento de propaganda de Portugal, pois tem êle que se defrontar com outros mais abastados e bem preparados que diabòlicamente tentam minar a nossa soberania, levando o preto a desrespeitar o sagrado pendão das quinas que viu pela primeira vez e que julga ser o único branco.

Devemos fazer dêles, dêsses heróis da pátria e da religião, o que na Idade-Média fazia Cluny, a celebérrima abadia beneditina, que não só armava os seus prosélitos com o latim e com a liturgia, mas também com adiantados conhecimentos das ciências e das artes de então, o que em Portugal deu o utilíssimo desbravamento da inhóspita região de Alcobaça que ainda hoje, passados sete séculos, tem em si usos e costumes que ficaram daqueles beneméritos civilizadores obreiros.

Para isso temos que criar um grande Instituto Missionário que ministre tôda essa educação integral à nova e valorosa juventude para se poder pôr em contacto com os indígenas ultramarinos a quem falará português, ensinará agricultura, artes profissionais e chamará ao rebanho santo de Cristo, provando assim que são descendentes daqueles que, em frágeis baixeis, foram os primeiros que da adiantada Europa, lhes levaram a luz viva da civilização.

Melhor edifício para êsse grande Instituto não temos em Portugal, como o espaçoso Monumento de Tomar que conta em si todos os necessários aposentos para habitação, para laboratórios, para observatórios meteorológicos, para campos experimentais de agricultura, para oficinas de artes precisas aos pobres pretos que arrastam uma existência miserável de choça e de cabana, sem ter quem lhes ensine rudimentares noções de construção de casas e outras cousas tão úteis ao seu viver.

Um padre, assim apetrechado com conhecimentos práticos e com a sublime influência do cristianismo, cria um prestígio do mais alto valor que redunda em bem da Pátria, que se vê assim aumentada e respeitada, sem que a rapina estrangeira lhe possa fazer dano, resistindo-lhe, pois ela bem mexida anda pelas terras ultramarinas.

Pertence hoje o monumento de Cristo a cinco ministérios e à Câmara de Tomar!

Faça-se passá-lo só aos três: Colónias, Instrução e Guerra.

Guerra, pelo seu hospital que está em lugar próprio e com relativa independência, devido aos nossos esforços que lhe fizeram ter uma entrada e estrada sem incomodar as outras dependências. Instrução pelo seu brilhante, original, rico e patriótico património artístico. E Colónias, para dêste ministério vir o cumprimento das seguintes palavras que ainda há oito anos foram publicadas pelo sábio decreto a que nos temos vindo a referir: «A República Portuguesa vai decididamente dar às missões portuguesas um impulso vigoroso para os mais altos fins humanos e nacionais».

Assim o cremos, porque agora o Estado Português tem uma casa magnífica, e já pode deixar de se lamentar, por *não ter edifícios e terrenos disponíveis que possa confiar às missões*, para o alto fim patriótico de civilizar e nacionalizar o vastíssimo império ultramarino que ainda nos faz ser a terceira potência colonial.

Instalemos, pois, no glorioso e vastíssimo Monumento de Cristo, em Tomar, um Instituto missionário bem apetrechado que esteja à altura da nobre herança que os nossos homéricos antepassados nos legaram e que nós temos o sagrado dever de conservar e de civilizar.

V I E I R A G U I M A R Ã E S

CAMPANHA DO CHIRE

1889

HAVIA eu estabelecido, ao centro da nossa formação de bivaque, como reserva, a fôrça militar e os 250 irregulares de Chupanga e Caia, quási todos caçadores de elefantes, muitos deles velhos e aguerridos cipais vindos da Maganja da Costa e outros, landins que haviam ficado por aqueles prazos, quando os vátuas, impedidos de se fixarem na Zambézia pelo capitão-mór de Manica, Manuel António de Sousa, «Gouveia», se viram forçados a descer para o sul do Pungue, e o Gungunhana se foi estabelecer em Manjacaze.

Com grande dificuldade foi a peça de 8 c/c arrastada para o lado donde vinham os tiros. Levei comigo o capitão Brito com 4 brancos, uns trinta soldados, e os caçadores de elefantes. Disparada a peça duas vezes não foi possível na ocasião tornar a fazer fogo com ela, esperando nós ansiosos que, de entre o capim, surgisse o inimigo, a cada momento, não havendo mais notícia dos cipais do posto que havia sido atacado.

Dentro em pouco, o tiroteio era geral, e o nosso cuidado principal consistia então em gritar que poupassem as munições, e evitar que as gastassem...

Por fim receando que as esgotassem como parecia inevitável, o que determinaria a debandada e as suas fatais conseqüências, resolvi tentar um esfôrço decisivo.

Consultando o capitão Brito fiz armar baioneta aos soldados e pondo-me à frente, seguido logo dos caçadores da Chupanga e depois de outros cipais, muitos deles armados de zagaia e machadinha, desci o barranco que tinha na frente e subindo, com dificuldade, o outro lado, carregámos tão vigorosamente quanto possível sôbre o

inimigo, a quem surpreendemos com a nossa acção e que embora resistindo por vezes em verdadeiros *corpo a corpo*, sofreu muitas baixas, e mais ainda quando, concentrando-se a uns 300 metros numa relativa clareira, recebeu repetidas descargas. Contudo, animado pelos seus chefes parecia ainda querer oferecer resistência a pé firme, mas quando conseguimos fazer instalar a peça num «morro de muchem» e disparar duas granadas, começou, retirando para o norte, fazendo sempre fogo.

Essa retirada transformou-se em debandada, quando, sùbitamente no rio, e a pouca distância se ouviu o estridente apito da tão desejada «Maravi» e ela mandou sôbre o inimigo rajadas com as suas metralhadoras.

A «Maravi» encontrava-se umas 3 milhas a juzante do nosso acampamento quando ouviu o fogo.

Forçando a marcha acorreu prontamente e assim contribuiu para decidir a nossa completa vitória sôbre os makololos.

Nós tivemos 12 mortos, um soldado e os outros cipais, e cêrca de cincoenta feridos, sendo os mais gravemente atingidos conduzidos nos escaleres para Chilomo onde estava o médico. A-pesar-dos seus protestos fiz também seguir o capitão Brito, que tinha tido, quási ao fim do combate, uma síncope cardíaca, devida certamente aos cuidados e cansaço. Êste oficial que melhorou e ainda ficou comigo no Chire, distinguiu-se muito durante os críticos quartos de hora que passámos. O inimigo teve decerto mais de 200 baixas. Só mortos devem ter sido uns 50, e alguns não puderam êles levantar do campo de acção.

Foram, aquelas, duas horas trágicas, arriscando-nos, quando resolvi carregar sôbre os negros, a sermos trucidados no alto capim, se houvesse um pânico ou desfalecimento na nossa gente... Mas era verdadeiramente a única solução que nos restava tomar: a sorte favoreceu-nos tendo sido bravamente executado êste feito, pelos brancos, pela tropa e até pelos próprios cipais, entre os quais depois tive verdadeiras dedicações, e que daí em diante em tôdas as minhas campanhas me seguiam com cega confiança. Não posso deixar no esquecimento o nome de um *capitão*, o dos cipais de Chupanga e Caia, por acaso um dos mais novos entre êles, filho de um velho «inhacuaua» (senhor da terra) caçador e capitão do tempo das lutas com os landins, que transmitira o seu prestígio ao filho. Chamava-se êle «Almoço»; nunca se afastou muito de mim durante o combate, aparecendo-me sempre com as suas ensacas de caçadores, e acompanhando-me depois nas campanhas de 1890, 1891 e 1892, em 1897, 1898 e 1902. Era um preto atlético e um perfeito tipo de beleza masculina africana.

O pai havia sido morto na caça por um elefante doido, «marida», como os pretos na Zambézia chamavam aos elefantes que vivem isolados, e não em bando.

Isso sucede quási sempre quando são defeituosos, não têm ou perderam as duas pontas, ou têm só uma, como sucedia com o paquiderme que matou o pai do «Almoço».

Os caçadores usavam então na caça espingardas especiais de grande calibre (uns 4 centímetros) e que atiravam balas de ferro a que chamavam «planquetas».

Para fazerem fogo eram precisos, além do atirador, um ou dois homens cujos ombros serviam por assim dizer de forquilha de apoio. Era dificílimo pôr uma dessas armas à cara.

Causava pasmo aos pretos que eu as pudesse levar à cara só com uma das mãos. Essas espingardas primitivas substituiam, no entanto, já o antigo cutelo afiado «meia lua», com que os caçadores que rastejavam no mato a sotavento dos animais, chegando ao pé de um dêles, com grande risco lhe cortavam os jarretes, fazendo-o cair, e o matavam à zagaia quando não eram esmagados pelo animal furioso.

O tempo, como tantas vezes sucede em África, melhorou ràpidamente.

Eu ainda tratei alguns feridos de menos importância com ácido fénico desdobrado com a água do rio... depois exausto mas satisfeito festejei com os meus companheiros o dia da Padroeira e a nossa vitória: jantamos juntos, os brancos, brindámos por Portugal e pelas famílias...

Foi o nosso jantar (eramos oito brancos e os 3 Ferrões), arroz cozido, duas latas de «corned-beef», duas latas de marmelada e duas garrafas de Pôrto «Kopke». Passamos a noite cercando-nos de precauções, mas sem novidade e em relativo socêgo, perturbado apenas pelo barulho dos hipopótamos que vinham até à margem sem receio, ou roncavam no rio...

Alguns prisioneiros se fizeram e entre êles o filho do grande «Melaure» makololo de raça, considerado régulo grande pelos makololos, de nome «Caterenguere» que comandava os pretos que nos atacaram e que fôra ferido numa perna, e ainda o seu pequeno filho Chipitura, negro espertíssimo que depois eu trouxe para Lisboa onde o fiz baptizar, mas que pelos seus maus instintos tive depois que *devolver* para o Chire, já com o nome cristão de João. Capitaneou êle mais tarde uma revolta contra os ingleses no Chire, sendo aprisionado e enforcado.

Êste arriscado e renhido combate, um dos mais graves de tôdas as campanhas em que tomei parte, representou a tomada virtual da povoação do Melaure verdadeira capital dos chamados makololos; nela entrando no dia seguinte e encontrando magníficas palhotas, e alguns feridos que não puderam ser transportados e, como sempre sucedia nas povoações abandonadas, uma velha que metòdicamente dava informações erradas.

Soubemos pelos prisioneiros que a fôrça que nos atacou era muito numerosa, e que o grande «Cabalalica» que havia comandado o ataque a «Mupassa», o Campata e o Mulidima que haviam defendido Chilomo com a sua gente haviam morrido no combate, também diziam os pretos que o principal inspirador dos ataques aos portu-

gueses era o «Mandala», nome porque êles conheciam «John Moir». Nunca se pôde averiguar se isso seria verdade, mas devemos supor que sim.

A povoação do Melaure era muito grande e limpa, tendo magníficas palhotas, muitas delas «maticadas» (revestidas de barro).

No dia 10 pelas quatro horas da tarde marchavamos para a Serra de «Mechiolo» onde se havia refugiado parte do inimigo, e ocupámos três povoações, sem resistência quási, pois apenas houve troca de tiros ao chegarmos ao caminho que nos conduzia à segunda povoação, situada a uns duzentos metros de altitude na escarpada encosta da Serra.

No dia 15 de manhã depois de ter queimado várias povoações chegámos à povoação grande do régulo Massea tendo havido vivo tiroteio e tendo o inimigo algumas baixas e nós dois cipais feridos.

Seguimos sôbre Mulilimo e no dia 18 de manhã chegava às cataractas, tomando Matiti; aí atravessámos o rio e no dia 19 tomavamos e ocupavamos Catunga, com algum tiroteio também, e poucas baixas, fugindo o inimigo para os lados de Blautire, deixando alguns prisioneiros e feridos: ocupámos sucessivamente M'beue e Goma, ficando assim batidas e ocupadas com pequenos *sanzoros* as margens do Chire. As fôrças seguiram para Chilomo ficando ainda a «Maravi» em M'beue uns dias.

Eu passei para um escaler e segui rio abaixo muito mais depressa do que a fôrça, demorando-me também três dias com uns caçadores da Chupanga e Paiva Raposo no «Elephant's Marsh» antigo pântano extensíssimo, umas milhas ao norte de Chilomo, onde hoje existe uma reserva de caça grossa de tôda a espécie, e que então era abundantíssima. Tinha eu uma magnífica espingarda «Ballard» de repetição, calibre 44, levando 15 cargas no depósito: arma de muita precisão, disparando balas «express» e com a qual fazia bons tiros geralmente, embora não fôsse atirador, como anos depois verificava, da categoria dos Gustavo e Rafael Bivar ou do Conde de Vilas Boas e seu irmão José de Magalhães e Menezes, que talvez fôssem com um Cruz, grande caçador de liões na Angonia, os melhores atiradores portugueses que em qualquer época encontrei na Zambézia.

Tinha mais uma carabina «Martini», de sport, muito boa, que atirava também balas «express» e que em geral o «Chipitura» que já não me largava, nem pretendia fugir, trazia ao ombro.

Acompanhando sempre os caçadores persegui elefantes um dia de terrível estafadeira, andando horas para alcançar o bando cujo rasto seguiamos mas tendo-se espantado umas zebras, a-pesar-de caminharmos a sotavento só consegui derrubar um elefante novo, cujos dentes foram para a fazenda em Quelimane, e pesavam cêrca de 15 quilos cada.

Nesse mesmo dia regressando a bordo do escaler topei de repente com um grande bufalo, a umas dezenas de metros. Era o primeiro a que atirava. Investiu o bicho como uma bala com a armação baixa direito a mim. Tinha comigo a «Martini», e como dar por forma eficaz na cabeça de um bicho daqueles e naquelas condições não fôsse fácil, atirei-lhe de frente aos peitos. Parti-lhe uma das mãos.

Com admirável serenidade o pequeno Chipitura ao pé de mim passou-me a «Ballard», num momento, e com mais dois tiros de «express» abati o bufalo a cinco metros de nós...

Algumas vezes, poucas, voltei com grandes fadigas à caça de bufalos, e no próprio «Elephant's Marsh» andei depois à caça com o Visconde de Breteuil, o Barão de Falkenstein e o príncipe Eugénio de Ruspoli, três rapazes, o primeiro francês, o segundo austríaco e o terceiro italiano, que vinham caçar a África, e que tiveram pena de não assistir e participar nos combates do Chire, pois só chegaram a Chilomo depois dêles feridos. Vinham recomendados de Lisboa pelo ministro dos estrangeiros Barros Gomes e Mariano de Carvalho e eu fiz-lhes as honras da terra... o melhor que me foi possível, tendo êles passado algumas noites no acampamento. Traziam espingardas de caça magníficas com óculo para os pontos de mira, e o Visconde de Breteuil, irmão do Marquez de Breteuil, grande amigo do então Príncipe de Gales, depois Eduardo VII de Inglaterra, trazia uma espingarda francesa, com uma *teòricamente* muito boa iluminação do aparelho de pontaria para tiros nocturnos, mas que pràticamente não funcionava. Foi a primeira arma que vi nesse género: outra vi depois a Paiva de Andrada que também não funcionava... Nesse tempo era a caça, às vezes por longos percursos, procurada a pé, e não de automóvel como consta que hoje se usa... Depois Ruspoli separou-se dos seus amigos seguindo atravez do Marral para o Borôr onde continuou caçando.

No próprio «Elephant's Marsh», mais tarde, ou nos campos perto do «Chiperone» vi rinocerontes inegàvelmente a mais perigosa caça grossa que existe, mas nunca me encontrei no perigo em que estive ao abater aquele meu primeiro e enorme bufalo.

Tendo passado uns dias e embarcado no escaler, graduando o seu andamento pela marcha das fôrças, que andavam muito mais devagar, cheguei a Chilomo e horas depois chegavam os cipais.

Era o dia de Natal. Em um mês ocupara o Chire até às cataractas. Ocasiões houve, como fica dito, em que êsse serviço foi realmente executado com verdadeiro risco de nós todos, mas as qualidades de dedicação e valor dos oficiais e brancos da coluna, e devo dizê-lo a *inesperada* valentia evidenciada pelos soldados angolas, e a singular confiança que então os cipais da Zambézia me começaram a mostrar e aos seus chefes, como mais tarde se verificou algumas vezes, conseguiram superar as crises de perigo.

Serpa Pinto em vista do que se passava em Lisboa, prevendo complicações que vieram a dar-se, seguiu com a sua missão para Quelimane. Até largar deu-me sempre as mesmas provas de confiança e aprêço. Prometeu logo que chegasse a Quelimane instar porque me mandassem um médico e alguns oficiais.

Seguiu na «Maravi» que o deixou no Vicente e regressou a Chilomo por pouco

tempo: os engenheiros e o Dr. Rolão Preto seguiram na «Cuama» se me não engano. Depois da partida de Serpa Pinto sucederam dois casos dignos de nota, o primeiro, o que tem especial significado, em 6 de Janeiro de 1890, portanto pouquíssimos dias antes do *dia 11* que tal repercussão teve, e tanto macerou a alma nacional.

Estando eu na nossa *machexa* (palhota aberta) que nos servia de refeitorio, apareceram-me os moleques correndo a dizer que vinham *grandes* dos makololos *pegar pé...* e efectivamente, com a *solenidade* habitual nestes casos, estando eu com os oficiais, apareceram os nossos chefes de cipais acompanhando-os.

Magauva, filho de *Melaure*, chefe supremo dos makololos, o pequeno régulo Makiura acompanhados dos grandes Chiduala Molungo, Mijali, Miezati, Pieroni, Cangreme e Chirondo, vinham declarar que sempre se haviam considerado portugueses pois que as suas terras lhes haviam sido dadas pelo Rei de Portugal, quando o Governador de Tete, depois do célebre explorador africano Dr. David Livingstone os ter deixado em Tete, os mandara para aquela região, por não terem podido voltar ao seu país, pois os homens da sua raça haviam sido exterminados pelos negros do poderoso régulo do Barotze.

Foi lavrado o competente auto que eu assinei com os oficiais Brito e Dias, Paiva Raposo, os Ferrões, os sargentos Miranda e Sousa, Rodrigues e Santos Caldas, Xavier Costa, assistindo o célebre Veloso da Rocha, *Sécanéca*; os *capitães* de cipais Fraqueza, Pirepire, Mecundisa Almôço, Patrício e Mesa.

Foi êsse auto remetido para o Governador Geral, e tinha o valor de ser o registo de uma manifestação expontânea por parte dos makololos, e reconhecimento de uma vassalagem que embora não mantida por actuação permanente nem por isso tinha deixado de ser definitiva, e reconhecida pelos negros desde há muito.

Quási em fins de Janeiro chegavam-me cartas de Moçambique quando me preparava para, logo que fôsse possível, passadas as chuvas, seguir Ruo acima até Mllange e Niassa, avassalando régulos e firmando a nossa autoridade, como fiz depois.

Entre essas cartas recebi as que transcrevo adiante e de que guardo com muita estima o original.

Eram do Governador Geral de Moçambique, o ilustre oficial de Marinha João António de Brissac das Neves Ferreira, oficial com uma brilhantíssima fôlha de serviços, e dotado de um bom senso e de uma inteligência que o faziam estimadíssimo e querido entre os camaradas.

Não há hoje inconveniente em que sejam conhecidas.

A primeira muito atrazada era escrita depois de ter conhecimento da minha ida de Quelimane para o Zambeze com as canhoneiras por mar.

A segunda ao saber do sério combate havido no dia 8 de Dezembro, na proximidade da povoação do Melaure, e de que Serpa Pinto, ao chegar o capitão Brito de Chilomo, soubera detalhes que logo comunicou ao Governador Geral.

Dava-me conselhos de amigo para a futura campanha do Ruo, a que chamou instruções.

Soube mais tarde que êle se havia preocupado com o combate pela povoação de Melaure, que diga-se a verdade, foi dos mais sérios em que, durante a minha vida em África, me vi envolvido.

GOVÊRNO GERAL DE MOÇAMBIQUE

PARTICULAR

Meu caro Coutinho

Por uma confidencial que nesta data mando ao Serpa Pinto verá que de Lisboa começam a cair a ré, e é portanto necessário ser prudente. Espero ansioso a explicação do caso com o Inglês no Vicente. (1)

Já conhecia o caso da travessia, e para Lisboa mandei dela circunstanciada nota.

Também espero as indicações finais do resultado da campanha do Chire feitas pelo Serpa Pinto para recomendar para Lisboa os seus serviços e os dos mais.

Agora o Marave vai para o Alto Zambeze, e o outro vapor provàvelmente não continua, portanto ficam as cousas reduzidas. Não sei se virão os landins de Inhambane com rapidez que eu esperava, parece que tem por lá havido dificuldade em os contratar. Vou ver se se podem liquidar essas contas para pedir dinheiro para Lisboa, pois só então se pode pagar visto nada estar nas despezas orçadas.

22 de Dezembro.

Camarada e Amigo *Neves Ferreira*

GABINETE DO GOVERNADOR GERAL

PARTICULAR

Meu caro João Coutinho

Aí vão as instruções que resolvi dar. Eu continuo muito doente e não tenho tempo para ser extenso como queria.

Seja prudente, poupe uma vida que é preciosa e sôbre tudo nunca avance sem constituir uma sólida reserva. Não ataque o inimigo corpo a

(1) Já no artigo intitulado «Chilomo» contei o caso do inglês que entrando a bordo da «Cherim» estava a bater no cozinheiro... e o que lhe sucedeu.

corpo sem o ter abalado pelo fogo a distância. Aproveitando para o assalto a desordem que lhe tiver causado o nosso fogo.

Faça os ataques o mais possível a coberto do fogo inimigo, etc., etc...

Et Bonne Chance.

Em todo o caso a menos de circunstâncias muito especiais deve abster-se de ir ao Blantyre.

Um apertado abraço do seu amigo

Neves Ferreira

N. B. — Não vale a pena implicar com a bandeira dos vapores porque êles usavam-na antes do conflito, mas não consentir novos vapores que embandeirem.

Neves Ferreira

Êste caso está-se tratando na Europa — ainda parece que a Inglaterra ja está mais inclinada a ceder.

Neves Ferreira

Serviram-me êsses conselhos e pu-los em prática quando possível na campanha que pouco tempo depois, passadas as chuvas, empreendemos.

NO LIMPOPO

UMA VIAGEM ATRIBULADA

QUANDO em 28 de Dezembro de 1895, Mousinho de Albuquerque, por um golpe de audácia, acompanhado apenas por 40 cavaleiros, entrou em Chaimite e aprisionou o Gungunhana, o império vátua, já enfraquecido pelas vitórias de Marraquene, Mogul e Coolela, ficava arrazado e poder-se-ia pensar que os temidos guerreiros do Sul de África não desejariam defrontar-se novamente com os valorosos soldados Portugueses.

Foi, porém, curto o período de paz: Maguiguana, o grande chefe de guerra do Gungunhana, estava ainda cheio de prestígio porque não fôra batido pelos Portugueses; Jambul, sobrinho de Manicusse pretendia a corôa vátua e não foi difícil aos dois entenderem-se e lançarem-se na aventura de se revoltarem contra a autoridade Portuguesa.

O posto militar de Palule, visinho de Jambul e Maguiguana, tinha como guarnição um oficial e 9 homens; avisado o comandante, alferes Chamusca, das más disposições do Maguiguana decidiu entrar na povoação dêle e prendê-lo; os auxiliares encarregados da guarda do preso deixaram-no fugir e Maguiguana decidiu levantar as suas «mangas».

Chamusca, julgando Jambul fiel, aceitou o convite dêste para se recolher à sua povoação, mas ao aproximar-se foi atacado pelos homens de Jambul. A resistência dos brancos foi heróica, bateram-se enquanto tiveram munições; Chamusca com o cavalo morto e uma perna atravessada por uma bala preferia fazer saltar os miolos, a cair vivo nas mãos dos negros; a fôrça foi tôda trucidada.

Maguiguana e Jambul reüniram as suas «mangas», levantaram o seu grito de guerra dispostos a vingar as derrotas de 1895.

No rio Limpopo navegavam então 3 lanchas canhoneiras: «Ivens», «Capêlo» e «Serpa-Pinto» comandadas respectivamente pelos tenentes: Rola Pereira, Muzanti, e guarda-marinha signatário destas linhas. Coube-lhes primeiro o serviço de bombardear e queimar as povoações revoltadas; limpas as margens do Limpopo passaram a transportar tropas, munições e mantimentos para as fôrças que se iam juntando no Chibuto.

Uma bela madrugada largava eu do Xai-Xai caminho de Moyene, poucas milhas andadas oiço o grito de «homem ao mar». O grito de «homem ao mar» é sempre emocionante; pode-se, porém, fazer idea do que seja num rio coalhado de jacarés, com uma corrente violenta e num pequeno barco atravancado de gente e de caixotes. Arriado o bote, 2 homens remam em socorro do soldado; do meu posto acompanho-os com a vista, por 2 vezes vejo submergir-se o homem, por 2 vezes tenho a visão clara de uma bocarra de jacaré agarrando o desgraçado, mas não, o bote chega a tempo e minutos depois o soldado escorrendo água, aproxima-se de mim e numa posição irrepreensível de sentido declara-me: «Sr. Comandante caí à água».

Continuo a viagem. Mais algumas curvas do rio e chama a minha atenção um preto que pela margem esquerda corre levando um papel espetado numa cana. Arreia-se o bote, vai-se buscar o negro.

O comandante do posto de Moyene, em 2 linhas a lápis pede-me auxílio urgente, o posto vai ser atacado. Forço o andamento da lancha e no caminho chegam-me mais recados: «os pretos estão próximos», «são alguns milhares», «o posto está cheio de mulheres e crianças fugidas

diante dos atacantes», «a resistência não pode ser duradoura», «socorro, socorro».

A distância a vencer é ainda grande; fogueiros e maquinistas fazem milagres forçando a lancha a dar o que nunca havia dado, mas a corrente e os inevitáveis encalhes no canal da Ilha Verde atrasam-me a viagem enquanto os desgraçados brancos do posto me esperam. Chegarei a tempo?

A lancha parece estar parada; rolos de fumo saiem pela chaminé, o barco parece querer desconjuntar-se e o posto está sendo atacado! Horas angustiosas!

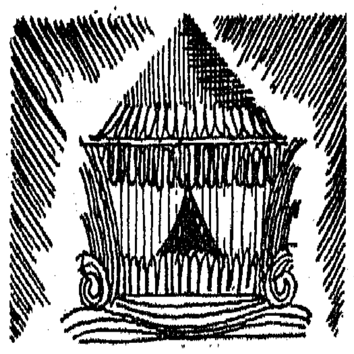
Finalmente dobro a última curva do rio, avisto o pequeno posto... Não tem içada a bandeira Nacional. Na margem numeroso gentio grita e acena. São gritos amigos? São gritos hòstis? Ignoro.

Metralhadoras carregadas, canhões-revólver prontos a disparar e vou-me aproximando, procurando ver se entre a multidão negra que enxameia a margem, descubro o sargento do posto. Mais alguns metros andados e rejubilo; o sargento está na margem e faz-me sinais.

O posto fôra violentamente atacado; o arame farpado que o circundava, a metralhadora do seu mirante haviam impedido o assalto; durante mais de uma hora 6 brancos haviam resistido a centenas de guerreiros negros que repentinamente haviam abandonado o ataque deixando os seus mortos, não levando os seus feridos. Momentos depois aparecia ao longe a «Serpa Pinto». A lancha chegára a tempo!

Algumas semanas mais tarde o combate de Macontene, a perseguição e morte de Maguiguana acabavam para sempre com os últimos restos da dominação vátua.

MARQUÊS DO LAVRADIO



O HERÓI DO PÉRSICO

À porta de um velho solar, pelos lados da Graça, às 10 da noite, parava uma caleça, e apeava-se, lesto, um homem de meia idade, mixto de soldado e fidalgo.

O rodar da pesada carruagem, e o tropear impaciente dos cavalos, chamou a atenção do guarda-portão, velho servo da casa fidalga. Avançando e sem dar tempo a que o visitante o interrogasse, interpelou-o atenciosamente:

—Senhor, que desejais?

—Poderei falar à senhora D. Maria?

—É tarde demais para vos receber, senhor... contudo...

E parou a olhar fixamente a visita. Examinava o seu rosto cheio de energia, de tez bronzeada e apresentando uma funda cicatriz, que descia da fronte ao queixo. Cresceu, porém, o seu espanto quando viu seus olhos azuis, sonhadores, em que havia um mixto de bondade e decisão. E não poude conter que lhe observasse:

—Perdoai-me, senhor!... Quanto vos pareceis com um jovem fidalgo que nos deixou há mais de vinte anos, e nunca mais deu conta de si.

E abafando um profundo suspiro cheio de saüdade:

—Que grande alma tinha êsse fidalgo!... Essa Índia que nos tem roubado tantos e tantos heróis, oxalá não tenha devorado o bondoso D. Gonçalo...

—Que dizes?... D. Gonçalo?... Conhece-o?...

— Trouxe-o nos braços, senhor. — E voltando a fixá-lo: — Quanto vos pareceis com êle!...

— Meu bom João...

— Senhor, conheceis-me?

— Ah! meu velho, que já tens fraca a memória, mas o teu coração é sempre o mesmo... João!

— Meu senhor... D. Gonçalo... meu querido menino! Bem me segredava o coração...

E deixou pender a fronte rugosa sôbre o peito. João pensava, trazendo à mente aqueles dias de alegria, fausto e riqueza dos Silveiras. Assim continuaria, talvez, por muito tempo, se não fôsse interrompido:

— Ouve lá, meu João. Tens ordens de minha irmã para não receber a esta hora?

— Tenho, meu senhor. Hoje não é dia das recepções, mas para vós...

Êste curto diálogo, tão sentimental, comovedor e cheio de recordações, passou-se entre D. Gonçalo da Silveira, soldado da Índia, e o velho servo de seus pais.

D. Gonçalo voltou a dizer:

— A má hora vim eu...

— Para vós, senhor, tôda a hora é boa, nesta casa que é vossa — atalhou o velho criado. — A sr.ª D. Maria está ainda de pé. O sr. D. Jorge Henrique, e os meninos D. Luís e D. Álvaro estão com ela na casa dos serões — informou.

— Ah bem! Vai adiantada a noite, mas só às 9 horas pude pôr pé em terra... Anuncia-me, João...

— Vou prestes... mas não direi que é o sr. D. Gonçalo, bem entendido?

— Como queiras...

João seguiu rápido para a casa aonde a família se reunia e pedindo licença para interromper a leitura das «Décadas», de João de Barros, que o jovem D. Luís fazia em voz alta e com entusiasmo, anunciou o visitante.

— E disse-te quem era? — preguntou D. Maria com espanto.

— Não quis dizer-me... — explicou João, hesitante.

— Não sei que vagos pressentimentos tenho que será uma surprêsa agradável. — Interrogando o marido: — Jorge, não te parece estranha esta visita?... e tão a deshoras?... — E sem esperar pela resposta, deu ordens ao criado para fazer entrar o desconhecido.

Mal tinha acabado de proferir essas palavras, ouviu-se uma voz a saudá-la:

— Minha senhora...

Nem poude continuar. D. Maria reconheceu-o logo e erguendo-se avançou com os braços estendidos.

— Que vejo!... Gonçalo... meu irmão querido!...

E cái nos braços do velho soldado da Índia, que não poude suster as lágrimas de terna amizade.

— Quando chegaste? Porque não me mandaste dizer? Que surprêsa!... Jorge? Álvaro? Luís?... Teu irmão! Vosso tio! — E olhando para o irmão: Como vens mudado, meu querido Gonçalo! Quantos anos decorridos!... Foi o nosso bom Deus que no-lo restituiu. Supunha-te perdido naquele misterioso Oriente, que tantas vidas tem ceifado — disse D. Maria, com lágrimas na voz, num mixto de alegria e surprêsa, olhando para seu irmão, cheia de carinho.

— É verdade, minha Maria, minha boa Maria... e a primeira visita é para ti. Por cá me deixarei ficar sob o vosso teto, se nele puder encontrar abrigo o velho soldado da Índia — disse D. Gonçalo.

E as horas correram entre preguntas e respostas, que lhes puzeram ao facto dos sucessos ocorridos nesses vinte anos de ausência do Capitão das Índias. Se a sua vida pelo Oriente foi cheia de aventuras, de perigos, de sofrimentos, também no lar de D. Maria se deram sucessos graves e tristes.

Os negócios do Oriente, felizes ou adversos, tinham reflexos em Portugal. Os portugueses, afeitos à opulência daquelas suas conquistas, iam sentindo fugir-lhes das mãos o rico comércio, de que haviam sido até aí senhores absolutos.

A nossa malfadada sujeição ao domínio de Castela, concorreu, em grande parte, para êsse estado de coisas. Trouxe-nos adversários e inimigos que nos não poupavam, atacando as nossas feitorias, assaltando as nossas fortalezas.

D. Gonçalo da Silveira embarcára para o Oriente na hora suprema das nossas desditas orientais. Os holandeses, quais lôbos famintos, forcejavam por nos desalojar das cidades e portos, — os ingleses feriam os nossos interêsses pela mão traiçoeira dos asiáticos, — os malaios esforçavam-se para se libertarem do nosso domínio, — em Bengala, a nossa influência comercial e social ia perdendo terreno, — em Ceilão, os singaleses pegavam em armas, correndo em auxílio dos holandeses, — na costa do Malabar notava-se já um certo mal-estar da parte dos príncipes nossos antigos aliados, — no Katiavar, haviam sublevações constantes, que nos obrigavam a mandar reforços em naus e homens em defesa do nosso prestígio.

Mas, aonde a nossa supremacia e prestígio estavam em eminente perigo, era no Mar Roxo e no Gôlfo da Pérsia. Ormuz, a pérola do Oriente, o rico celeiro das riquezas da Pérsia, e sentinela do Mar Roxo, estava ameaçada.

Os ingleses conseguiram acordar os patrióticos brios do rei da Pérsia. Tentava-se a todo o transe desalojar-nos de Ormuz. Os portugueses defendiam a primeira conquista do grande Albuquerque, numa luta desigual. Os persas preparavam-se, sentindo ufanos pelos primeiros resultados sôbre a guarnição da fortaleza. As naus inglesas davam-lhes auxílio, cedendo bombardas, e fornecendo munições de guerra, Os portugueses pediam socorros urgentes ao Vice-rei.

Governava a Índia Fernão de Albuquerque. Rui Freire de Andrade era comandante geral das fôrças de terra e mar.

Voltemos agora ao nosso herói.

D. Gonçalo acabava a primeira refeição junto com a sua família. Sua irmã, seu cunhado e sobrinhos enchiam-no de finezas. D. Maria olhava-o com aquela ternura própria de quem tinha encontrado nele a voz de sangue a lembrar-lhe os dias de fausto e grandeza, em que os Silveiras eram admirados e invejados.

Eram ao todo dezoito irmãos. Os cabedais da casa, eram então grandes para poderem manter com todo o brilho o nome da família, que, em nobreza e antiguidade, se equiparava ao do próprio Rei, como êles afirmavam com orgulho.

Veio, porém, o desastre de Alcácer, seguiu-se-lhe um reinado em que pouco se cuidou das nossas conquistas do Oriente. O resultado foi funesto para muitas casas ricas. Os Silveiras foram uma das grandes vítimas.

— Dizei, tio — pediu o jovem Luís — como é que nós perdemos Ormuz. João de Barros diz nas «Décadas» que Afonso de Albuquerque dava grande valor àquela conquista, e que muitos desgôstos sofreu quando andava na construção da fortaleza... — E continuando a analisar os sentimentos dos portugueses naquela época: — Não percebo porque João de Nova, e outros grandes capitães não apoiaram Albuquerque!

— Não estranhes, Luís. As coisas no Oriente são sempre muito curiosas. Nunca os primeiros portugueses foram unânimes no seu modo de agir quanto à forma de aproveitar do grande feito de Vasco da Gama. João de Nova, que nos descobriu a Ilha de Santa Helena, e outros queriam um Portugal próspero, enchendo-o das riquezas do Oriente. Albuquerque supunha que a grandeza de Portugal só poderia realizar-se

criando na Índia um grande Império. Eram modos de ver que concorreram para essas lutas de gigantes, com sacrifício dos interêsses da Nação.

— E que devem ter causado grandes desgôstos a Albuquerque — comentou ajuizadamente D. Luís, que já sabia discorrer, e fazia-o com muita ponderação.

D. Gonçalo ouvia-o com certo prazer e admiração, por ver que tão novo ainda já manifestava interêsse pelas coisas do Oriente.

— E poderias dizer-me, tio e senhor, como é que nós perdemos Ormuz? — voltou a preguntar o sobrinho.

— Por uma forma desastrada, Luís, mas de que não somos de todo culpados, mercê de Deus. Não houve uma única deserção, não há que registar o menor gesto de fraqueza da parte dos nossos soldados. Todos fizeram os maiores sacrifícios para defenderem essa nossa conquista. Registaram-se feitos de verdadeiro heroismo. Lutamos dez contra mil, sem um momento de indecisão. O inimigo estava, porém, bem preparado. Os ingleses, em segrêdo, tinham-lhes fornecido bombardas, escopetas e grande quantidade de munições. Os persas prometeram-lhes em troca compensações. Foi assim que procederam os nossos aliados e rivais também.

— Quem diria! — reflectiu sensatamente Luís.

— E fomos vencidos depois duma luta sem tréguas, e sustentada por muitos anos. Fernão de Albuquerque, governador da Índia, atendia aos pedidos do almirante Freire de Andrade, mandando-lhe homens e munições. Os cofres do Estado estavam exaustos, mas êle conseguia que a Misericórdia da Índia lhe emprestasse dinheiro. Tudo fizemos para repelir os assaltos do inimigo, que era dirigido pelos capitães ingleses. Foi num dêstes assaltos que fiquei gravemente ferido...

— Contai-me, tio, como isso sucedeu — pediu insistentemente o mancebo.

D. Gonçalo acedeu, embora lhe custasse lembrar dessas horas tristes.

— Foi nessa grande hora que os nossos soldados se mostraram ser bem portugueses. Mais de mil homens, armados de escopetas e rútilos alfanges, quando noite cerrada, avançaram cautelosamente, correndo sôbre a areia, que cercava a fortaleza. Quando já ao pé da muralha a sentinela deu o brado de alarme. Estava eu de serviço, e não havia descansado a noite inteira. Corri sem tardança com os meus duzentos soldados e escalando prestes a muralha, desfechamos sôbre os assaltantes os arcabuzes. Crescia, porém, a onda do inimigo. Era um verdadeiro formigueiro de gente bem armada e com firme resolução de nos desalojar. Caíram mortos muitos dos nossos. Uma bala alojou-se-me na perna direita. Não

dei sinal de sofrimento. Se me afastasse da luta, estaria tudo perdido. Os soldados sem comando, meu Luís, perdem todo o entusiasmo, acobardam-se. Sabia-o por experiência e deixei-me ficar, embora sentisse dores atrozes.

— E o tio não tinha quem o substituisse!

— Naquele momento nem pensava nisso... Eu seria o último, se tivessemos de recuar, de ceder. Estava assim decidido. Que me importava a vida?! Os assaltos sucediam-se. Engrossava o número do inimigo. Para nos obrigar a ceder, lançaram fogo à porta da fortaleza, que haviam tentado, mas não tinham conseguido derrubar. Tivemos de acudir e defendermo-nos contra êsse novo inimigo. Dividiram-se as fôrças de que dispunhamos. Sucedeu então o que era de esperar. Escalaram as muralhas. Eram às dezenas, aos centos os que a alcançaram. Começou-se então a luta braço a braço. Os meus soldados feriam, derrubavam e matavam quantos chegassem ao seu alcance, nunca recuando, fôsse qual fôsse o número dêles.

— Quanto tempo durou a luta, tio? — preguntou o sobrinho.

— Ainda por muito tempo. Vai ouvindo: eu corria dum lado para outro, pelejando, e animando-os... até que fui cercado por mais de dez persas, que caíram sôbre mim como lôbos famintos. A minha espada pôs fora de combate meia dúzia dêles, quando um persa traiçoeiramente me feriu no rosto, e outro apunhalou-me pelas costas... Caí banhado em sangue.

— E como fosteis salvo?

— Ignoro-o... Muitos dias depois — assim mo disseram — inqueri onde estava e o que havia sucedido. Disseram-me, então, que tinhamos perdido Ormuz!

— É triste!

— Meu filho, eu sofri então uma dor tão profunda, que quizera antes morrer mil vezes às mãos daquele persa que me derrubou. Ficou-me aqui — batendo no peito — para sempre. Nunca mais voltei à vida activa de soldado. E o que trago da Índia, se não estas cicatrizes, que são tôdas as minhas riquezas!

— Bem grandes são elas, tio!

O jovem D. Luís tinha 12 anos incompletos. Quando deixou o tio da Índia, acabando de o ouvir, não parecia o mesmo. Pensava como um homem. Desde aquele momento, sentia-se orgulhoso por ter um tio tão valente, e com a fronte erguida foi ter com o irmãozinho.

Queria contar-lhe o que ouvira. Procurou-o, e foi encontrá-lo a brincar com seus companheiros, crianças da sua idade, vizinhos do palácio, gente humilde. Juntou-se a êles, para lhes repetir, palavra por palavra, o que o tio D. Gonçalo acabava de lhe contar, e que tão bem ficou gravado na sua memória, e no seu pequenino coração.

Tôdas aquelas crianças, soldados de àmanhã, de cujos braços Portugal precisaria para a defesa dos seus domínios ultramarinos, sentiram os primeiros rebates do sentimento patriótico.

— Ouvistes — repetiu Luís, pondo na voz certa gravidade — como meu tio lutou para defender Portugal, que está ameaçado na Índia?

E depois explicou aos pequeninos companheiros o que era a Índia para o coração dos portugueses. Disse-lhes como nós haviamos chegado até lá. Ensinou-lhes o nome de Vasco da Gama e doutros heróis, que êle ficou conhecendo na leitura das «Décadas».

E voltando-se para o irmão:

— Atende, Álvaro!... Tu que andas sempre a brincar de soldado, porque não pedes ao tio para contar essas histórias de guerras?

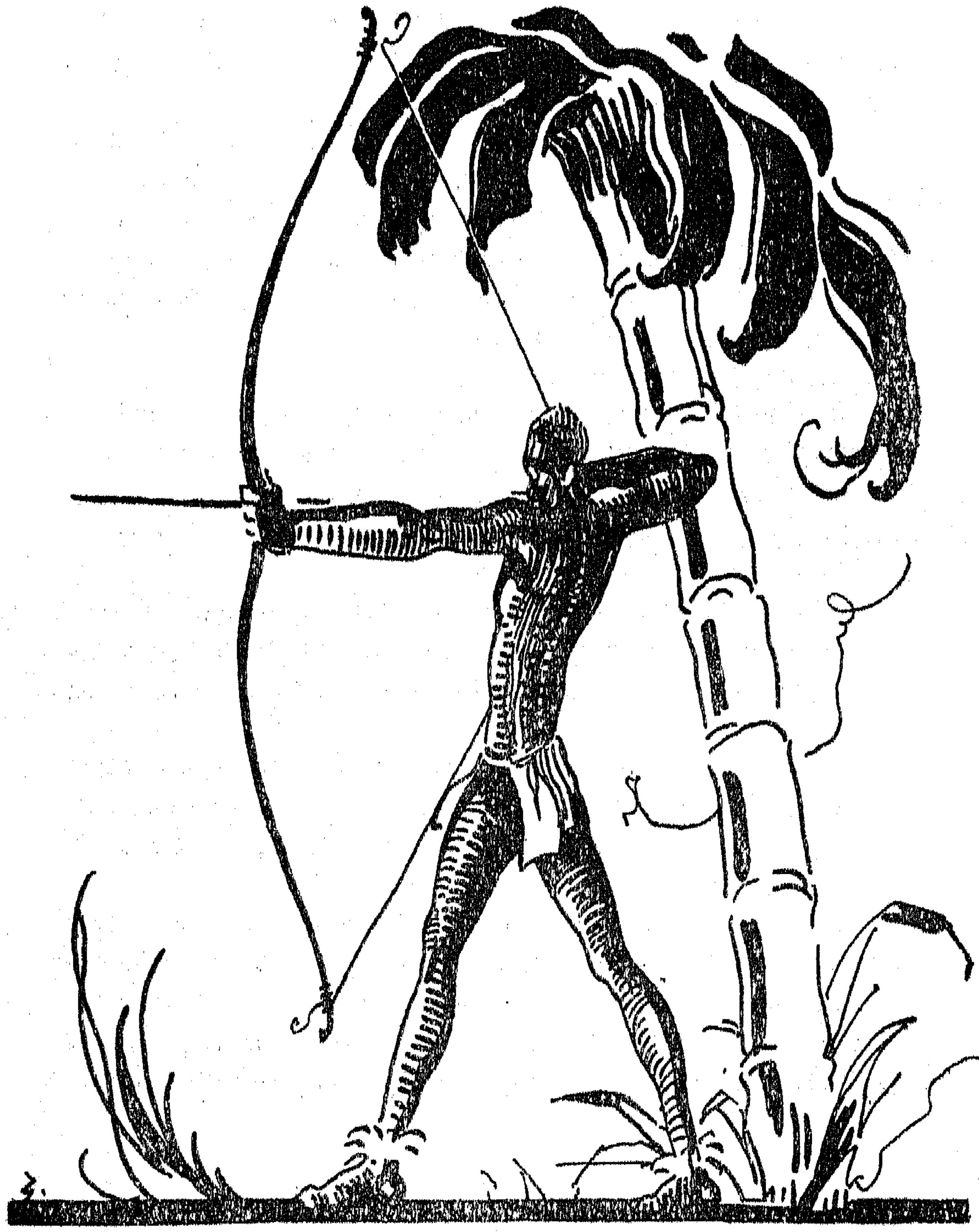
Para os dois, desde então não havia melhor entretenimento do que ouvir o velho capitão narrar a sua vida pelo Oriente, e saber tudo o que fez por lá.

Preparava-se, por esta maneira, a sua vontade e o seu espírito para, em dias não distantes, embarcar numa caravela, que o levasse para aquelas terras, já com o propósito de defender com a espada a honra da Pátria.

Foi assim que em Portugal de outros tempos se criou o sentimento colonial. A notícia das grandes acções, praticadas pelos nossos soldados, corria de bôca em bôca, em serões de família, tanto nos palácios, como nas pobres mansardas.

Os grandes feitos, não cabiam obrar só aos nobres de sangue. O plebeu teve também grande parte e muito importante, no moldar do monumento que atesta ao mundo, de que Portugal, nos mares e em terras distantes, tendo a guiá-lo a imagem da Pátria, praticou feitos, que nem a acção do tempo, nem a vontade dos homens poderá jámais apagá-los!...

JOSÉ F. FERREIRA MARTINS



UM PAVILHÃO DE MACAU

POR mais duma vez me tenho ocupado da edificação, em Lisboa, de um Pavilhão de Macau.

O que o justifica? — Uma fantasia, um capricho? Nada disso; justificam-no razões de ordem política e colonial.

Tôdas as nossas Províncias Ultramarinas, com excepção das do Oriente, são mais ou menos conhecidas, quer pela tradição, quer pelas relações constantes em que hoje nos encontramos com os nossos domínios africanos e que afastaram, para não mais voltar, o sentido tenebroso com que na minha infância ouvia pronunciar a frase fatídica — «Ir para a costa d'África!»

Aquela comunhão nacional que faz o Império, e que dia a dia se fortifica intensa e auspiciosamente, a ponto de no Ultramar surgirem já nalguns pontos, novas gerações de portugueses descendentes de «reinoes», como dantes costumava dizer-se, encontra-se enfraquecida na parte que diz respeito às nossas Províncias do Extremo-Oriente.

Causas complexas assim o determinaram e que não interessa aqui estudar, mas a verdade é que se torna indispensável lembrar o facto e, além disso, procurar corrigi-lo.

É preciso não esquecer que, por mais afastados que nos conservemos do Oriente, tanto espiritual como materialmente, êle não deixa de

representar, e cada vez mais, um papel importantíssimo, se não decisivo, na arrumação política e colonial do mundo.

É do próximo ou do Extremo-Oriente, mas sempre do Oriente, que nos surgem as núvens negras a perturbar a paz dos povos; foi o Oriente que nos chamou numa ânsia do desconhecido e deu lugar à maior das epopeias das nações marítimas; é para o Pacífico, portanto, nas regiões que o Oriente domina, para onde tende a deslocar-se hoje, no dizer de certos dirigentes mundiais, o eixo da política internacional.

A nossa Raça, que foi a primeira a devassar o Oriente à civilização actual, e que se perpetua com brilho para além do Atlântico, na grande nação irmã que é o Brasil, não pode nem deve alhear-se dos restos dêsse extraordinário Império Colonial que muito valem hoje e muito mais poderão valer àmanhã.

O boato recente de que a nossa longínqua parcela de Timor fôsse cedida a outra nação, se bem que e felizmente, destituído de fundamento oficial, não deixa de demonstrar a verdade daquela asserção: — houve alguém, porque não há fumo sem fogo, que pensou no *valor* da situação e das condições de Timor português.

Não esqueçamos: Timor vale, Macau vale, a Índia Portuguesa vale!

Política e colonialmente, Macau, Índia e Timor valem, e muito mais poderão valer ainda, o que em grande parte, se não exclusivamente, depende de nós.

Determinar, destrinçar aqueles valores, cultivá-los, aproveitá-los e integrá-los no engrandecimento moral e material da Nação, é um problema vasto e complexo que compete resolver às *élites* que dirijam os nossos destinos, canalizando para o Oriente, tanto quanto possível fôr, a nossa influência, os nossos interêsses, a nossa mentalidade.

*

O Pavilhão de Macau, esta fantasia aparente, constitue um fio daquela teia em que é mister envolver o nosso plano de regresso ao Oriente: — é assim que encaro êste objectivo, com a finalidade de contribuir para a solução do problema, independentemente de outras considerações secundárias como sejam as de ordem de estética citadina ou de mero culto da arte.

Assim como, e obedecendo a esta orientação, muito me esforcei em Macau por que esta Província aparecesse na Exposição de Sevilha de 1929 com um pavilhão próprio, alvitre que fui o primeiro a apresentar, insistindo pela efectivação junto de três governadores, assim tenho vindo a diligenciar idêntica realização em Lisboa com caracter permanente.

Havendo na capital um valioso museu de arte oriental, mas deslocado no edifício onde se encontra, no Museu Municipal, está naturalmente indicado que aquele pavilhão, além doutras funções que possa ter, seja destinado a guardar os objectos da China e do Japão ali coleccionados.

É indispensável evitar que êste museu, hoje sujeito a uma acção judicial por motivos de contratos particulares, — o que em nada lhe afecta o valor nem o cuidado que nos deve merecer conservá-lo — se disperse ou saia do País, porque se perderia uma valiosa parcela de património artístico dificilmente reconstituível e que se presta admiràvelmente à propaganda do nosso Oriente.

Bem sabemos que o ótimo seria dispôr-se de um pavilhão para cada colónia, todos êles situados num grande parque onde coubessem o Ministério das Colónias, a Agência Geral das Colónias, a Sociedade de Geografia, etc.; mas sabemos também que o ótimo é inimigo do bom, e enquanto não se atinge aquele belo ideal, comecemos a realizar alguma coisa de prático, principiemos por um lado, como êste que se nos oferece, artìsticamente tentador, financeiramente exequível (*), política e colonialmente muito conveniente.

Pensemos em edificar o Pavilhão de Macau em Lisboa!

Edifício delineado a capricho?

Não!

(*) O edifício a construír nada teria de monumental, e as paredes em tijolo, como são as das construções chinesas, baixas, porque só havia o pavimento do rés-do-chão, devem tornar o orçamento da obra relativamente pouco elevado.

Há em Macau um pagode célebre pela poética lenda que lhe anda ligada, pela antiguidade da devoção que inspira aos chineses, pela arte que o reveste, pelo carácter marítimo da tradição — é o Pagode da Barra.

Tipo precioso da arquitectura chinesa e edificado numa encosta frondosa junto do Pôrto Interior, no dizer do eminente sinólogo que foi o dr. Silva Mendes, é um encanto o templo de T'in-Hau, onde se inspiraram Barrier, Borget, Houghton, Webber, Chinnery e Marciano Baptista, que o reproduziram em belas composições; vários artistas chineses, como Ho-Tan-Shan, Tak-Kuan, Kuan-Lou-Hin, Su-Lok-P'ang e Chau-Pak--Sha, contribuiram para o embelezamento daquele templo, — «residência ideal de todo aquele que aspire a viver com a natureza, com a poesia, com os deuses e, em vindo a morte, voar nos braços de Kun-Iam para o Paraíso d'Oeste e florir no nosso lótus, na glória de Ó-Mi-Tó...»

Êle constitue uma preciosíssima obra de arte como nenhuma outra colónia europeia na China possue, de um valor inestimável, e que embeleza a nossa linda Macau, a joia feita de maravilhosa epopeia, expoente máximo do nosso heroísmo e aventura!

Reproduzir em Lisboa o Pagode da Barra de Macau, é reviver ante as novas gerações a formidável expansão portuguesa no Oriente, é relembrar aquela fascinação de sonho, é despertar desejos de regressar a êsse Oriente tentador, é cultivar a nossa influência pelos dilatados horizontes do Cipango e do Catai...

E como tudo isto pode e deve ser bom para a educação da grei, para a fôrça e prestígio do Império, foi com entusiasmo que há cêrca de três anos pedi para Macau que me fôssem enviados o alçado e a planta do Pagode da Barra, que só muito tempo depois chegaram e por isso a obra não se iniciou, perdida a oportunidade.

Com aqueles planos vieram umas interessantíssimas aguarelas chinesas mostrando várias decorações e frisos do Pagode, e pelas reproduções juntas se vê que o edifício ficaria sendo um dos mais curiosos museus de Lisboa, talvez único, no género, na Europa.

É de notar que êle não deveria ser erigido indistintamente em qualquer situação, pois precisa de ambiente próprio, isto é, ficar isolado de outras construções e projectando-se sôbre arvoredo, para não lhe prejudicar a característica da China.

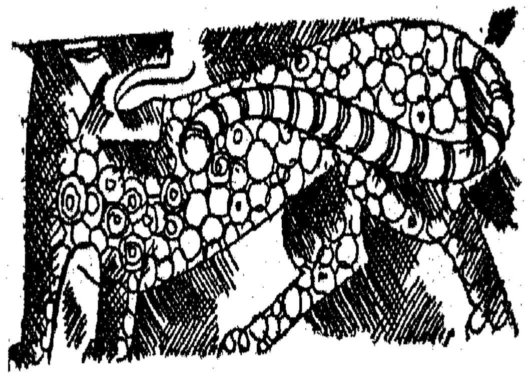
É possível que no Parque Eduardo VII, que por mais de uma vez percorri em busca de um local apropriado, ainda haja possibilidade de o encontrar.

Hoje, que a idea colonial está em marcha, que nela trabalham tão valiosos organismos como a Agência Geral das Colónias, a Sociedade de Geografia, o Secretariado da Propaganda Nacional, etc., e que à testa dos negócios do Ultramar está um novo a quem, certamente, êstes assuntos farão vibrar não só a alma de Português como o sentimento estético, porque não há obra perfeita sem estética ainda mesmo na política de reconstituïção de um povo, onde, pelo menos, deve haver a beleza de um ideal, hoje, não será de esperar que se inicie a construção dos Pavilhões das Colónias pela reprodução do Pagode da Barra, qual braço carinhoso estendido ao nosso Oriente, num forte amplexo de unidade nacional?

A idea aí fica mais uma vez; a quem caberá a glória da realização?

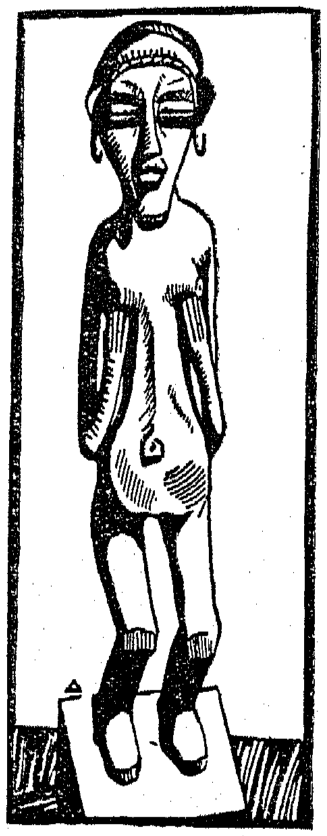
NOTA: — Para não atrazar a publicação do presente número, as gravuras referentes a êste artigo serão publicadas no próximo número especial.

J A Y M E   D O   I N S O



«...au non de ceux-la pour
qui l'art est encore le meil-
leure refuge de la joie, le plus.
précieux ornement de la vie»

OCTAVE MIRBEAU



ANGOLA

ARTE COLONIAL

CONGO

L E G E N D A S

DAS GRAVURAS DE ANGOLA E CONGO

1 — Cadeira de soba — Moxico — Angola

2 — » » » — » — »

3 — Vendedeira indígena — Angola

4 — Elefante — Huambo — Angola

5 — Cegonha — Bailundo — Angola

6 — Tampa de caixa — Congo Português

7 — Mulher ajoelhada (marfim) — Congo Português

8 — Crucifixo em bronze — São Salvador — Congo Português

9 — Imagem da Virgem (marfim) — Congo Português

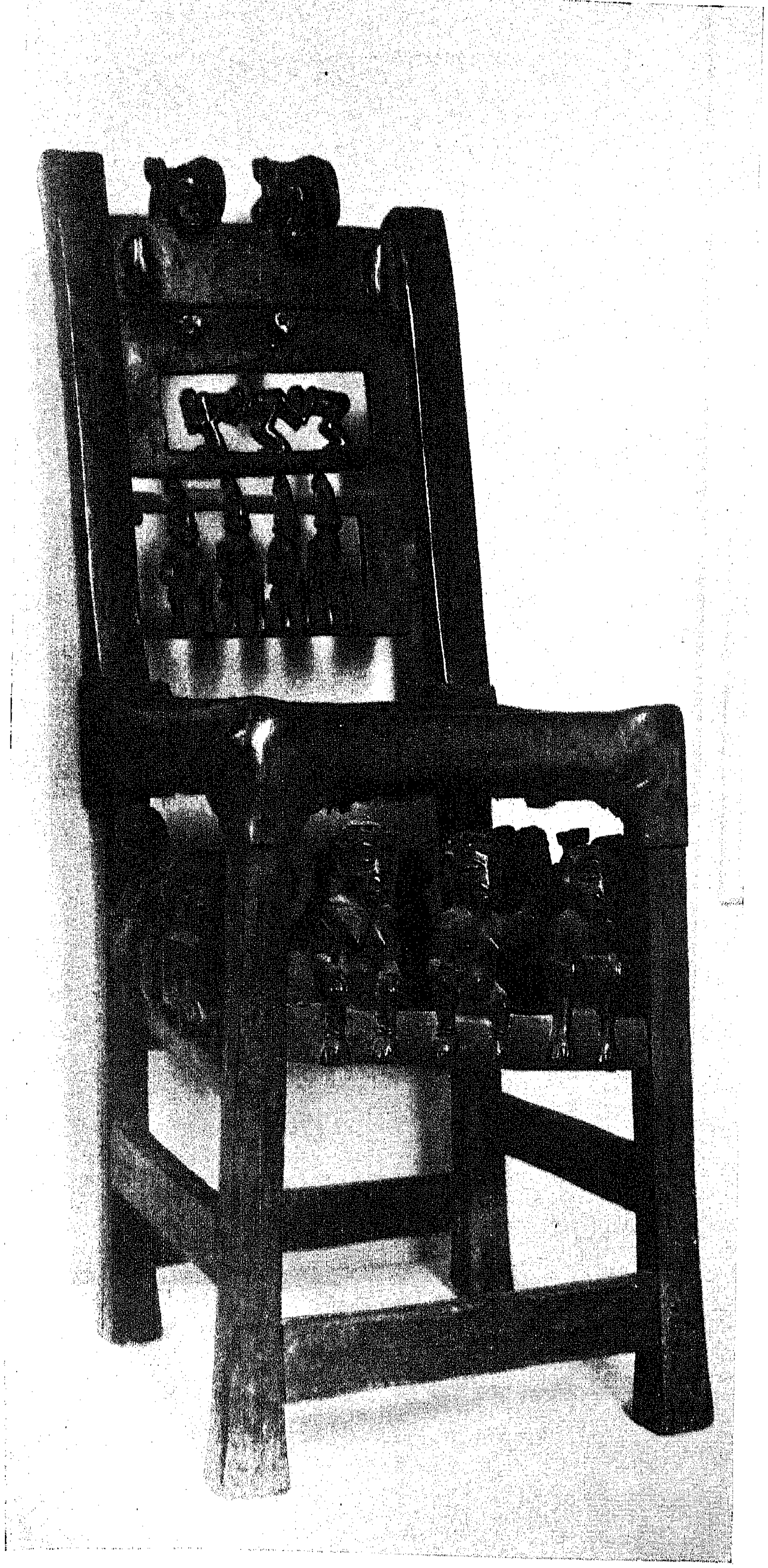
10 — Cetro Vatchivokoé — Angola

11 — Mulher deitada, com um cão à cabeceira (marfim) — Congo Portugués

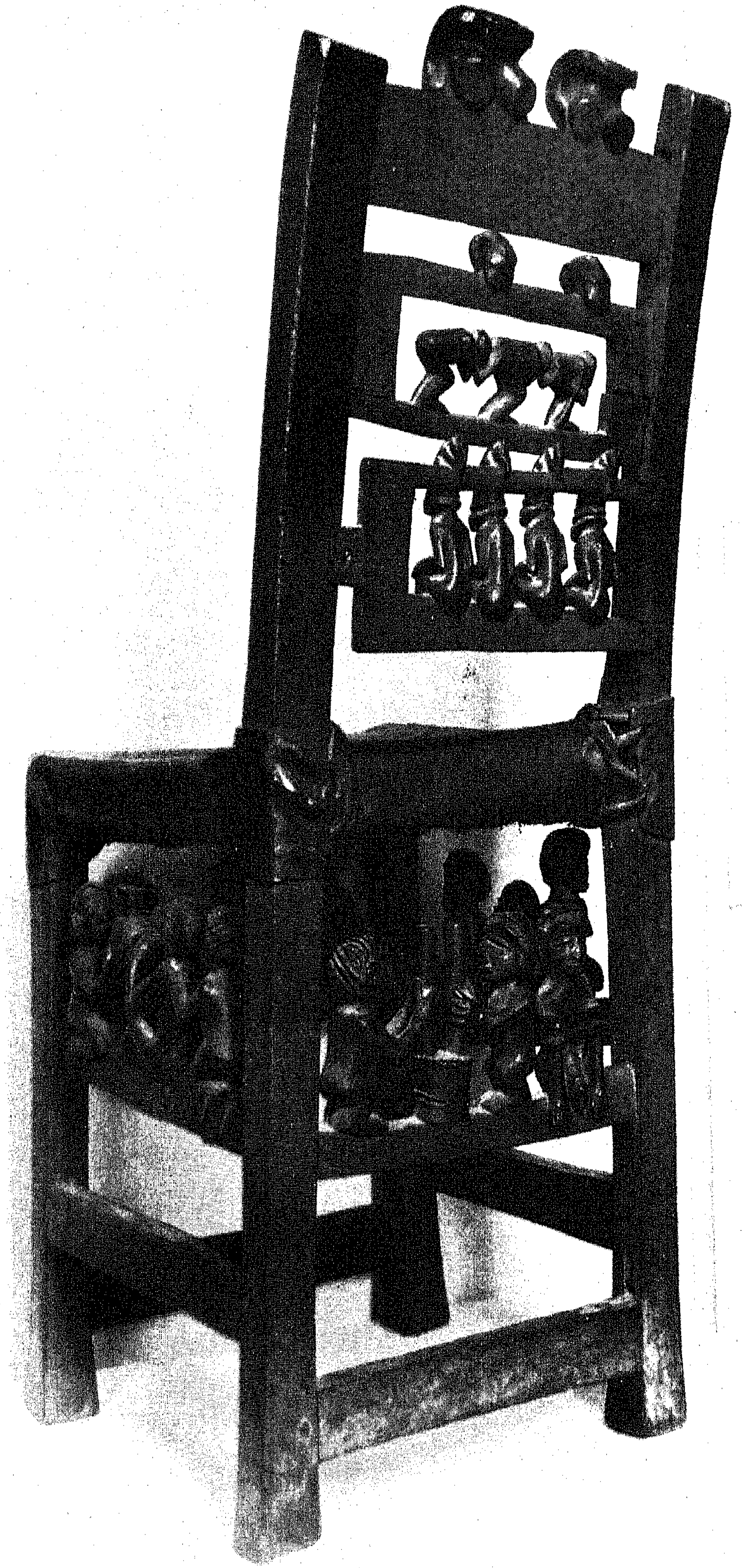
Fotografias de Mário Novais

Tôdas estas esculturas pertencem à colecção de Julião Quintinha, excepto a n.º 10 que pertence à colecção de Diogo de Macedo

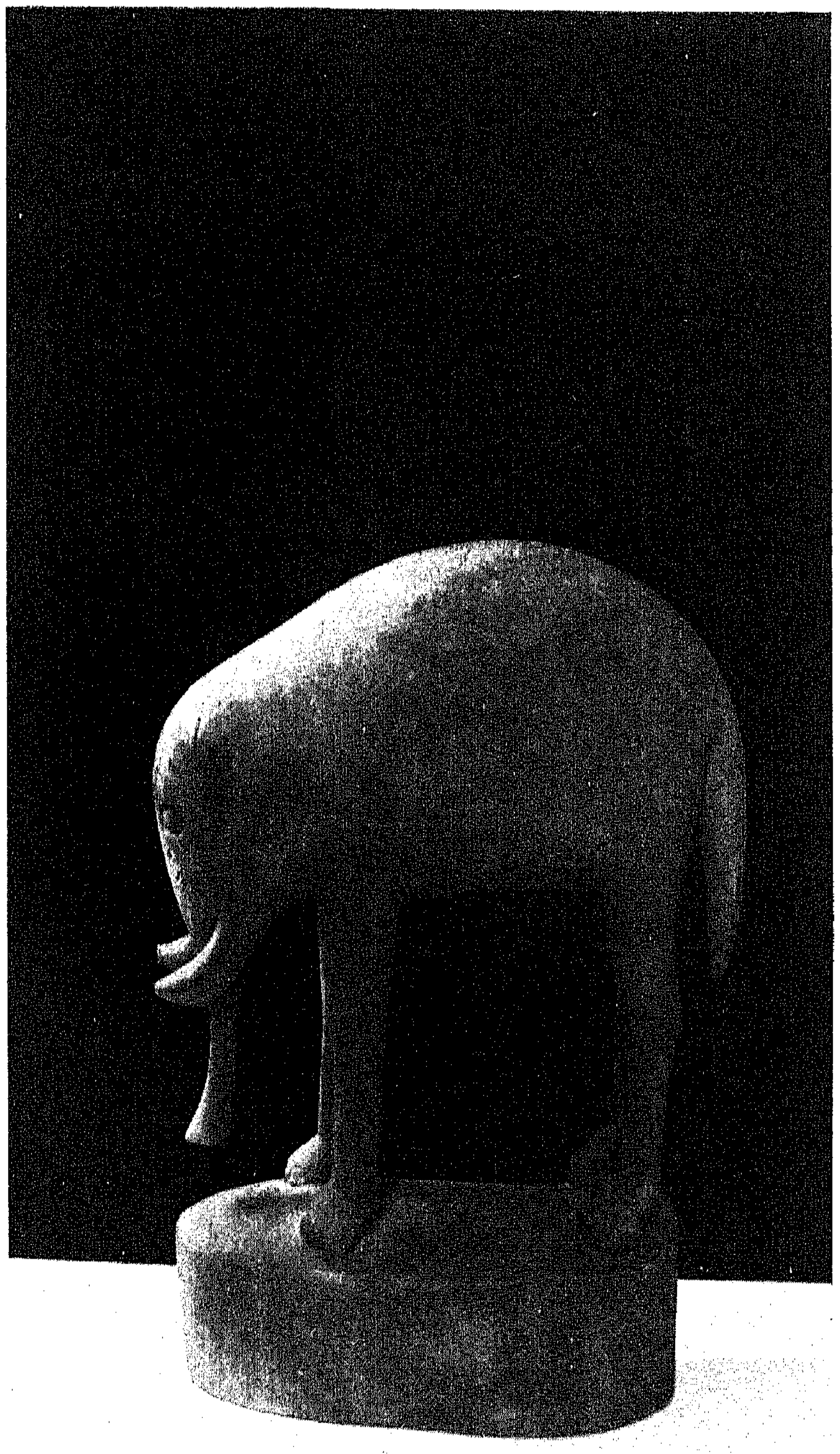
NOTA: Por engano, no número passado, houve êrro na numeração das gravuras da «Arte Colonial», dando a impressão de que faltava a gravura que pertencia ao n.º 8. A série está completa e as legendas do sumário correspondem perfeitamente às gravuras publicadas, não havendo, por êste facto, a falta da gravura n.º 8.



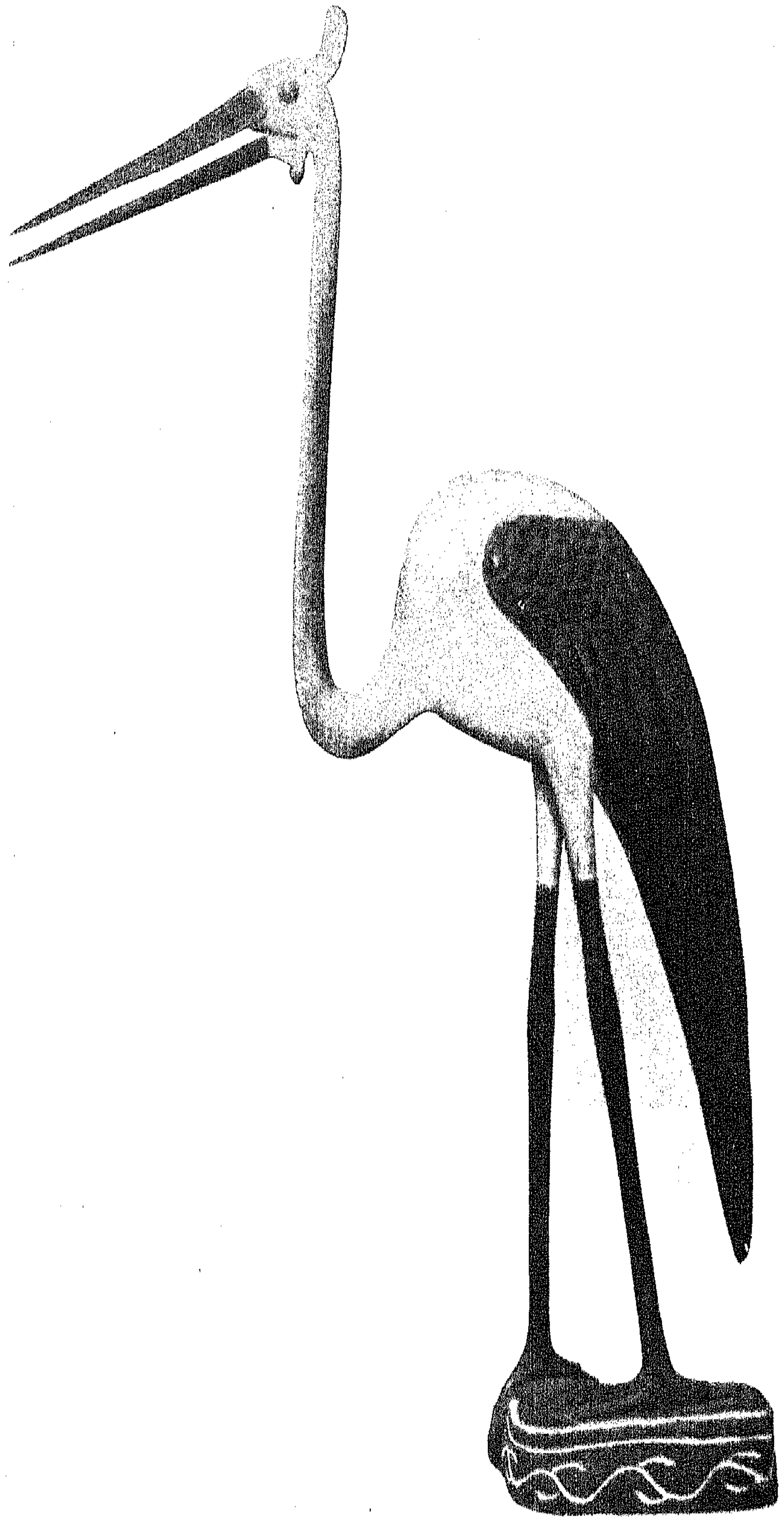
1



3

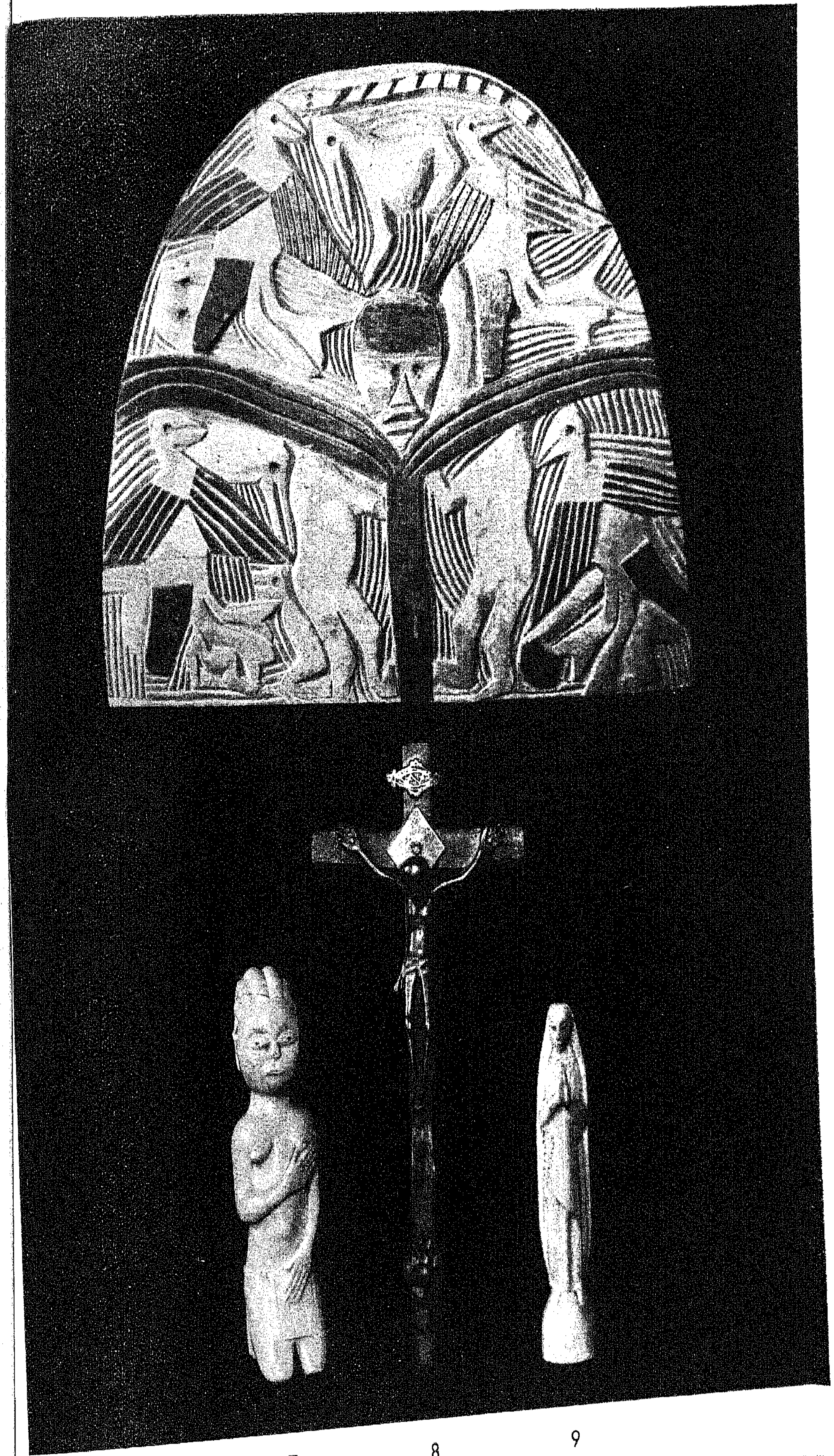


4

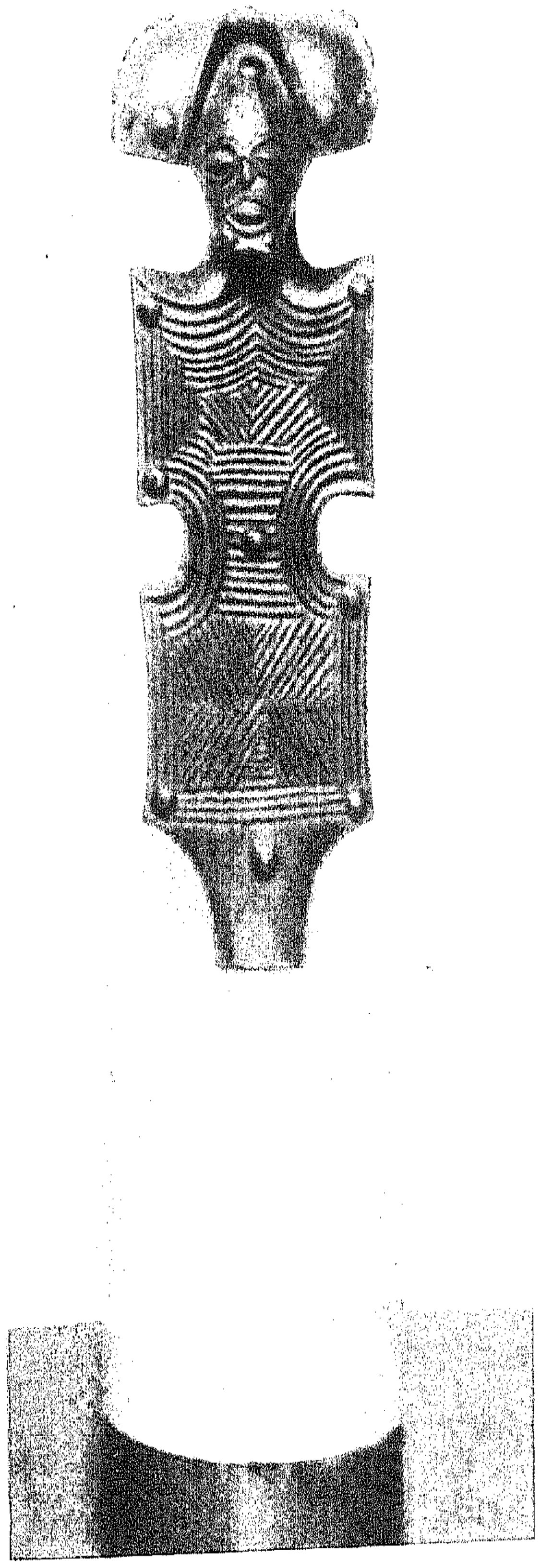


5

6



7 8 9



10

ESTORIL

COSTA DO SOL

A MELHOR FREQUÊNCIA

CASINOS
HOTEIS
JOGOS
AUTORISADOS

A MELHOR PRAIA
DE PORTUGAL

JOÃO ANJOS
RUA DO MUNDO, 121
Oficina: PRAÇA DA ALEGRIA, 94
TELEFONE P. B. X. 28071

CONDECORAÇÕES
MEDALHAS
INSIGNIAS
ESMALTES

LISBOA

TESTA & AMADORES
TELEFONE 26 / Teleg.: TESTA

DEPOSITARIOS DA "SHELL„ // MERCEARIAS POR GROSSO E RETALHO

AVEIRO

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

SOCIEDADE ANÓNIMA RESP. LIMIT.
CAPITAL ESC. OURO 2.000.002$50
LIBRAS 444.445=/–

ARRENDATÁRIA DAS FABRICAS E MARCAS DE TABACO DO ESTADO

CIGARROS
PICADOS
CHARUTOS
RAPÉ

PRODUTOS PREFERIDOS pelo público que os consome, atenta a excelência da sua QUALIDADE / PREÇO MODERADO APRESENTAÇÃO DISTINTA

SERRALHARIA DE FERRAGENS PARA CONSTRUÇÕES

FUNDADA EM 1873

SOLDADURA AUTOGENIO
REPARAÇÃO DE AUTOMOVEIS
BATERIAS / PNEUS / VELAS
OLEOS / INSTALAÇÕES ELECTRICAS / LAMPADAS / MOTORES
CUTELARIAS / FERRAMENTAS
FERRO / AÇO / CARVÃO / ACESSORIOS PARA AUTOMOVEIS

RICARDO M. COSTA
R. DA CORREDOURA / TELEF. 111
AVEIRO

SF 15
Gazolina
Petróleo
Gazoil
Fuel-Oil
SONAP
SOCIEDADE NACIONAL DE PETRÓLEOS
LISBOA
Rua do Terreiro do Trigo, 52 / 2.º
TELEFONES 25521-25531

BANCO ESPIRITO SANTO
CAPITAL ESC. 12:000.000$00
RESERVAS ESC. 37:000.000$00
S. A. R. L.

SÉDE
95, RUA DO COMÉRCIO, 107 / LISBOA

FILIAIS
BRAGA / COIMBRA / FARO / PORTO

AGÊNCIAS
SANTAREM / S. JOÃO DA MADEIRA / TORRES VEDRAS

Correspondentes nas principais terras do País

Efectua todas as operações bancárias

COMPANHIA PORTUGUESA

DE FORNOS ELECTRICOS

ESCRITÓRIO EM LISBOA

LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º

Telegramas: ELECTROORNOS

TELEFONE 25343

FÁBRICA DE

CARBONETO DE CÁLCIO

CANAS DE SENHORIM

Estação: Canas-Felgueiras

LOTARIA

da Misericórdia de Lisboa

MISERICORDIA DE LISBOA

EXTRACÇÕES SEMANAIS

1.º PREMIO 400.000$00
2.º PREMIO 30.000$00
3.º PREMIO 10.000$00

A 22 DE DEZEMBRO

2.ª LOTARIA EXTRAORDINÁRIA

1.º PREMIO
6.000.000$00

2% do capital emitido são destinados aos Serviços Juridicionais de Menores. 67 3/4 % do capital são distribuidos em prémios :: :: :: ::

Os lucros liquidos são distribuidos pelo Tesouro Público, Misericórdia de Lisboa, Hospitais Civis de Lisboa, Casa Pia de Lisboa e Direcção Geral de Assistência. A prescrição dos prémios de lotarias, reverte a favor da MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAUL SAMPAIO EFFRENT COSTA

DESPACHANTE OFICIAL DE

Navios Nacionais, Estrangeiros e Mercadorias

ESCRITÓRIO
RUA DOS BACALHOEIROS, 12
LISBOA / TELEFONE 2 0132

SOCIEDADE PORTUGUESA STREETITE, LDA.

(ANTIGA SOCIEDADE PORTUGUESA DA CHEDDITE, LDA.)

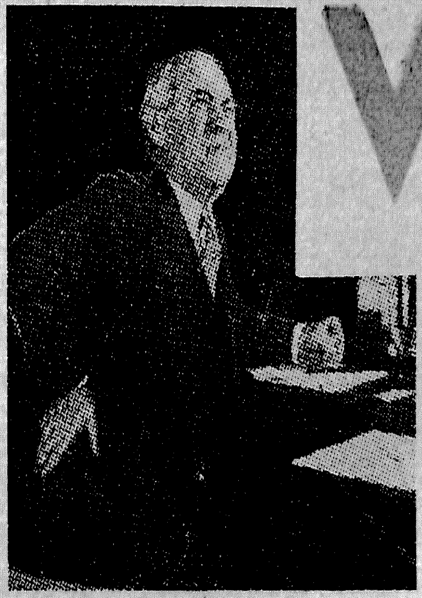
FÁBRICAS NO LAVRADIO
DE EXPLOSIVOS E RASTILHOS

EXPLOSIVOS DE SEGURANÇA PARA OBRAS DE PORTOS, MINAS, PEDREIRAS, TRABALHOS AGRÍCOLAS, ETC.

STREETITES

RASTILHOS, OS ÚNICOS DE FABRICAÇÃO NACIONAL
CAPSULAS / AMORCES ELECTRICOS

SEDE SOCIAL: TELEG.: STREETITE
PRAÇA DO MUNICÍPIO, 19-3.º LISBOA



VITA-SANA

antigo Vitamate

ELIMINA O ÁCIDO ÚRICO

Reumatismo — Artério Esclorose — Artritismo — Gota — Ciática — Obesidade — Flebite Varises — Hemorroidas — Figado — Rins — Bexiga — Baço — Fel — Hidropísia — Sífilis Escorbuto — Raquitismo — Escrofulose — Diabetes Úlcera — Debilidades — etc., etc.

Ex.^mo Sr.

É com profundo reconhecimento que venho respeitosamente dar-lhe graças ao tão sublime produto VITAMATE com o qual experimentei as mais benéficas e salutares melhoras.

Ja há um ano que me encontro em completa imobilização derivado a uma tuberculose óssea — ósteo artrite — e essa imobilização ocasionou-me terríveis dores de rins e cabeça, assim como bexiga, pois hoje, graças ao VITAMATE garanto-lhe sob minha palavra de honra que me encontro curado.

Recorri a vários medicamentos mas sempre em vão, mas hoje felizmente vejo-me livre de tão perniciosas dores e se não o continuo a tomar é porque luto com deficiências monetárias.

Entretanto sou daqueles que falo a todos do resultado obtido, e faço côro com todas as pessoas que por êsse mundo além louvam tão sublime produto.

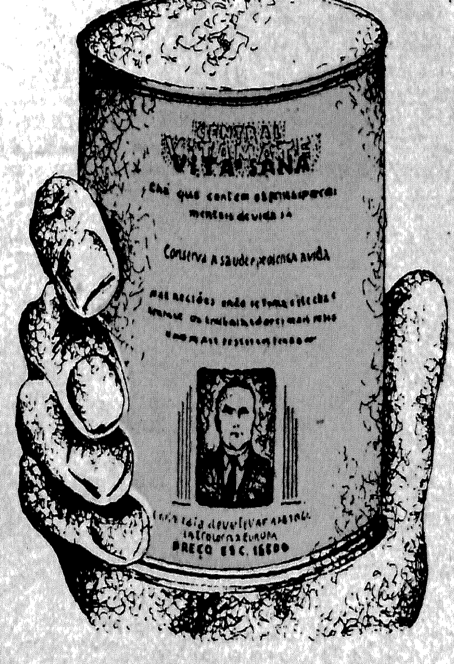
Enviando a V. Ex.ª as minhas sinceras felicitações, etc., etc.

a) Ivo Marques de Faria

Todos os dias recebemos muitas cartas de ex-doentes agradecidíssimos, os quais depois de ter perdido a esperança da cura encontraram, graças à VITA-SANA, esplendida saúde.

Compre ainda hoje um pacote de VITAMATE, produto maravilhoso do reino vegetal, que limpa o sangue, alivia o coração, rejuvenesce o figado, normaliza os intestinos, lava a bexiga, expulsa as areias e pedras, numa palavra faz um bem tão grande ao organismo que quem experimente uma vez, nunca mais o deixa.

AS NOSSAS IRMÃS AS PLANTAS, CONHECEM O SEGREDO DA NOSSA SAÚDE



Pacote pequeno . 5 escudos
Pacote grande . . 10 escudos
Lata . . . . 15 escudos

CASA CAPUCHO

CONSTRUCTORES E IMPORTADORES / FUNDADA EM 1850

121 - Rua de S. Paulo - 129
LISBOA

139-R. Mousinho da Silveira-143
PORTO

«SULZER»
Motores a óleos pesados "Diesel", terrestres e marítimos desde 50 a 10.800 cv. — Bombas centrífugas para pequenas e grandes irrigações, esgotos, etc. — Instalações Frigoríficas — Ventiladores — Máquinas a vapor

TUBOS
e acessórios em ferro laminado, em ferro fundido e em aço "Mannesmann" — Tubos em aço para caldeiras — Tubos em aço para altas e médias pressões

«CONORD»
Motores a gazolina e petróleo — Grupos moto-bombas — Grupos electrogéneos

BOMBAS
manuais e mecanicas para todos os liquidos e para todos os débitos

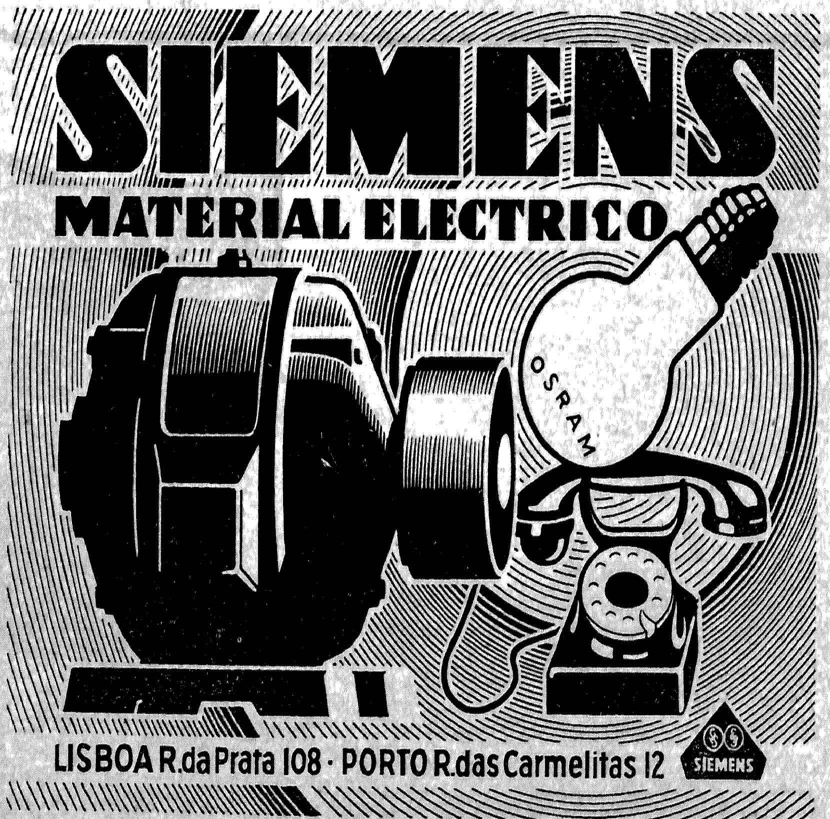
«KELVIN»
Motores marítimos a gasolina, petróleo e oleos pesados

ACESSÓRIOS
para todas as industrias e agricultura

«NATIONAL»
Motores a óleos pesados até 50 cv.

AQUECIMENTO
central, doméstico e industrial.

Projectos e orçamentos, gratis, de instalações de Centrais Electricas, Centrais Elevatórias de Água : : : : : : : : : : : : : :
Rêdes de abastecimento de águas a cidades e vilas, instalações de aquecimento, etc.



COMPANHIA CIMENTO

TEJO

AV. DAS NAÇÕES ALIADAS, 20, 3.º - PORTO

As mais altas resistências
Especialmente recomendado para
obras hidráulicas e de cimento armado

Premiado em várias exposições

CASA

QUINTÃO

DEPOSITÁRIA DA FÁBRICA DE

TAPETES BEIRIZ

FAIANÇAS E MOBÍLIAS PORTUGUESAS

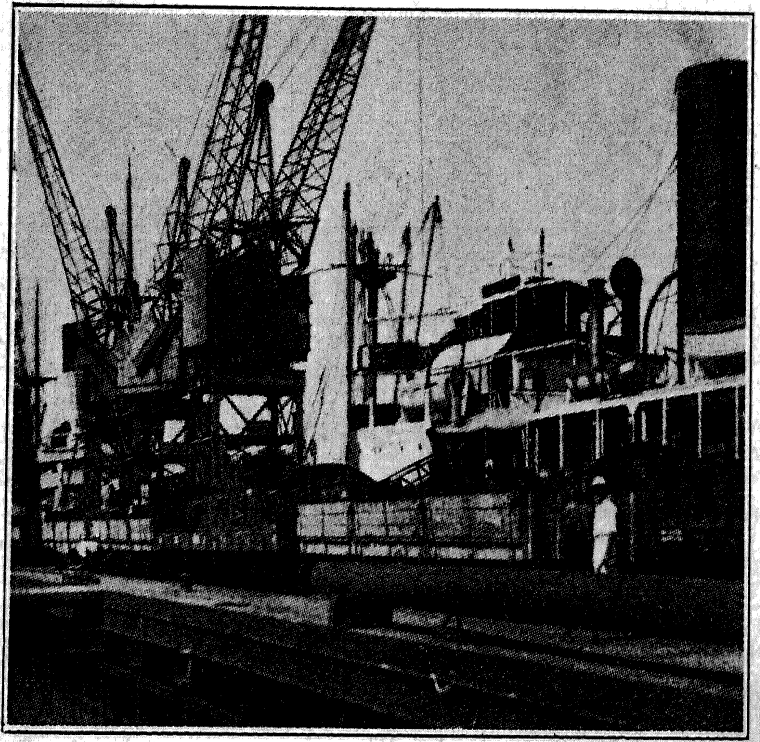
RUA IVENS, 32

LISBOA

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

TERRITÓRIO DE MANICA E SOFALA

ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA :: CAPITAL BEIRA



O PORTO DA BEIRA EM 1934

PARA INFORMAÇÕES:

EM LISBOA
Largo da Biblioteca Pública, 11
(Séde da Companhia)

NA BEIRA
Secretaria Geral do Govêrno
do Território

BELO & MORAIS, LDA.

FÁBRICA DE SABÃO EM MOGOFORES

Armazem de mercearia, cereais e farinhas / Depósito de bacalhaus nacionais e estrangeiros

AVEIRO
RUA CANDIDO DOS REIS

TELEFONE N 53
TELEGRAMAS—FEIJÕES

AMARO BRANQUINHO

PASSAGENS E PASSAPORTES / JOALHARIA, OURIVESARIA E RELOJOARIA

RUA JOÃO MENDONÇA
(Ao lado do Banco Nac. Ultramarino)

AVEIRO
TELEFONE 156

FÁBRICA ALELUIA

JOÃO PINHO DAS NEVES ALELUIA

Azulejos de pó de pedra / Paineis / Azulejos estampados / Imitações dos azulejos século XVII-XVIII / Faianças decorativas / Artigos sanitários

Telegramas: FÁBRICA ALELUIA
AVEIRO

TELEFONE 22
(Ligado à rede geral do país)

CLEMENTE, VIEIRA & LAUS, LDA.

ARMAZEM DE MERCEARIAS / BACALHAUS NACIONAIS

Agentes da Cerveja «Portugália» e Refrigerantes «Bussaco» / Depósito de Tabacos

AVENIDA CENTRAL
AVEIRO

TELEFONE
OITENTA E UM

ARMAZENS DE AVEIRO, LDA.

Sortido completo de fazendas brancas, lãs, lanifícios e retrozeiro / Calçado, Louça esmaltada e de alumínio, vidros, colchoaria, artigos de viagem, etc. Tudo de superior qualidade / Os maiores depositários das Louças de Porcelana da Vista-Alegre :: :: ::

AVENIDA CENTRAL
AVEIRO

TELEFONE
QUARENTA E NOVE

CERAMICA AVEIRENSE

DE VIUVA DE JOÃO PEREIRA CAMPOS

Telhas e tijolos de vários tipos. TELHA TIPO PORTUGUÊS (cobre como a de Marselha, e imita a antiga telha mourisca ou de canudo) / Ceramica ornamental ::

CANAL DE S. ROQUE
AVEIRO

TELEFONE
CINCOENTA E UM

Ramos & Irmão
Limitada, Sucessor

Torrefacção e moagem de cafés
Armazem de Chá

AVENIDA CENTRAL
(próximo ao mercado)
AVEIRO

J. Velhinho
Rua José Estevão, 53

ARMAZEM DE MÓVEIS
AVEIRO

AGÊNCIA DA EMPRESA
DE CIMENTOS DE LEIRIA
CIMENTO "LIZ,,

Depositária da Fábrica das Antas
AVENIDA CENTRAL / TELEF. 134
AVEIRO

CASA VIEIRA
DE MANUEL VIEIRA DOS SANTOS

CIMENTO, FERRAGENS E TINTAS
MERCEARIA E SEMENTES

Rua Combatentes da Grande Guerra, 21
AVEIRO

FOTO CENTRAL
HENRIQUE RAMOS

RETRATOS DE ARTE
ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES

Rua Direita, 27 — *Telefone 127*
AVEIRO

RAUL PEREIRA
Mercearias, Azeites, Cereais, Legumes,
Louças, Lenha, Carvão vegetal,
coke e São Pedro da Cova
COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES
E CONTA PRÓPRIA
Rua Combatentes da Grande Guerra, 43-A 43-B
TELEFONE 62
AVEIRO

Artur Trindade

O melhor serviço automovel em Aveiro
Estação de serviço e recolha permanente

Acessórios — *Telefone 150*

AVENIDA CENTRAL
AVEIRO

A Primavera
DE LUIZ GOMES & CARVALHO

MERCEARIA, VINHOS, CEREAIS,
FAZENDAS E MIUDEZAS

AVENIDA CENTRAL
AVEIRO